

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC CURSO DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

MARLON DELFINO GREGORIO

**EDUCAÇÃO FÍSICA COMO MEIO DE INCLUSÃO SOCIAL NO
CRAS VILA MIGUEL NO MUNICÍPIO DE CRICIÚMA/SC**

CRICIÚMA, DEZEMBRO DE 2011

MARLON DELFINO GREGORIO

**EDUCAÇÃO FÍSICA COMO MEIO DE INCLUSÃO SOCIAL NO
CRAS VILA MIGUEL NO MUNICÍPIO DE CRICIÚMA/SC**

Trabalho de Conclusão do Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciatura no Curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof^a. MSc. Elisa Fatima Stradiotto

CRICIÚMA, DEZEMBRO DE 2011

MARLON DELFINO GREGORIO

**EDUCAÇÃO FÍSICA COMO MEIO DE INCLUSÃO SOCIAL NO
CRAS VILA MIGUEL NO MUNICÍPIO DE CRICIÚMA/SC**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciatura, no Curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Teoria e Prática pedagógica.

Criciúma, 05 de Dezembro de 2011.

Prof. Elisa Fatima Stradiotto – Mestre - (UNESC) – Orientador

Prof. Carlos Augusto Euzébio - Mestre - (UNESC)

Prof. Victor Julierme Santos da Conceição - Doutorando - (UNESC)

Este trabalho é dedicado a minha família,
pelo incentivo e compreensão.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus por ter me concedido o dom da vida e por ter guiado meus passos a fim de mais uma conquista.

Aos meus pais, familiares e colegas de trabalho, que com seu apoio contribuíram para a conclusão dessa pesquisa.

A Fernanda Francesconi e toda sua equipe pela força e disponibilidade a me ajudar.

A minha namorada que sempre esteve presente durante toda essa caminhada.

Aos professores que sempre me incentivaram, em especial a professora e orientadora Elisa Fatima Strandiotto, que com seu conhecimento contribuiu para a realização deste trabalho.

“Bons professores falam com a voz, professores fascinantes falam com os olhos. Bons professores são didáticos, professores fascinantes vão além. Possuem sensibilidade para falar ao coração dos seus alunos.”

Augusto Cury

RESUMO

A pesquisa tem como tema: Educação Física como meio de inclusão social no CRAS vila Miguel no município de Criciúma/SC. O Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) é um complemento do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), que tem como principal objetivo a proteção básica articulando os serviços socioassistenciais no território onde vivem famílias com vulnerabilidade social e situações de risco. No período contrário da escola, as crianças e os adolescentes comparecem ao CRAS, onde realizam atividades por meio de oficinas, priorizando a oficina de esporte o trabalho se desenvolve. A escolha do tema justifica-se em razão de compreender ações pedagógicas que levem a inclusão social dessas crianças e adolescentes. Elaborou-se como problema de pesquisa: Como auxiliar as crianças e adolescentes nas atividades de Educação Física reconhecendo as ações pedagógicas resilientes no processo de inclusão das crianças e adolescentes? O presente estudo tem como objetivo geral: verificar as contribuições da Educação Física no processo de integração, socialização e cooperação das crianças e adolescentes reconhecendo novas ações pedagógicas. Para um melhor desenvolvimento da pesquisa foi traçado algumas questões norteadoras: como a prática pedagógica resiliente auxilia na inclusão social? Qual a importância da integração, socialização e cooperação na inclusão da criança e do adolescente? Como as atividades esportivas inseridas no dia a dia das crianças e adolescentes favorecem a inclusão? O trabalho se constitui em uma pesquisa de campo descritiva com recorte qualitativo, em que os dados foram coletados por meio de questionários semi-estruturados. Tratou-se de uma amostra é simples e intencional, representada por (6) seis facilitadores, (8) oito pais/responsáveis, (10) dez crianças e (10) adolescentes. O referencial teórico está subsidiado por vários autores entre eles Tavares (2001), Rosa (2009), Bracht (1999), Kunz (1994), Coletivo de Autores (2009). Concluiu-se, portanto, que o CRAS é uma instituição promotora da resiliência, apesar de alguns facilitadores não ter o perfil, mas busca contribuir para formar cidadãos com autonomia e autoconfiança, tendo assim, uma visão otimista do futuro, respondendo de forma favorável as adversidades na vida, buscando a inclusão das crianças e adolescentes que convivem neste espaço educacional.

Palavras chaves: CRAS. Inclusão Social. Resiliência. Criança. Adolescente.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CRAS - Centro de Referência de Assistência Social

MDS - Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

LOAS - Lei Orgânica de Assistência Social

PAIF - Programa de Atenção à Família

SUAS - Sistema Único de Assistência Social

PETI - Programa de Erradicação do Trabalho Infantil

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA.....	14
2.1 HISTÓRIA DA RESILIÊNCIA.....	14
2.2 VIVENCIANDO A RESILIÊNCIA PROMOVIDA PELA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	16
2.3 A RESILIÊNCIA E OS FACILITADORES.....	20
2.4 APRENDIZAGEM E SUA CONCEPÇÃO.....	22
2.5 COMPREENSÃO DE APRENDIZAGEM.....	22
2.6 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM.....	23
2.7 RELAÇÕES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA E A RESILIÊNCIA	25
3 O QUE É CRAS?.....	29
3.1 CRIANÇA.....	31
3.2 ESPORTE.....	33
3.3 CRIANÇA E O ESPORTE.....	33
3.4 ADOLESCÊNCIA.....	35
4 EDUCAÇÃO FÍSICA E INCLUSÃO SOCIAL.....	37
4.1 BENEFÍCIOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA INCLUSÃO SOCIAL.....	38
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	40
5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	40
5.2 AMOSTRA.....	41
5.3 INSTRUMENTOS PARA O LEVANTAMENTO DE DADOS E SUA OPERACIONALIDADE.....	41
5.4 CATEGORIAS.....	42
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	43
6.1 CATEGORIA A – O CRAS, UMA INSTITUIÇÃO NECESSARIA NO BAIRRO VILA MIGUEL.....	43

6.2 CATEGORIA B – EDUCAÇÃO FÍSICA RECONHECENDO AÇÕES PEDAGÓGICAS IMPORTANTES NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES.....	47
6.3 CATEGORIA C – A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA INCLUSÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO.....	51
CONCLUSÃO.....	56
REFERÊNCIAS.....	59
APÊNDICES.....	61
ANEXOS.....	71

1 INTRODUÇÃO

O Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) tem como intuito a ampliação do acesso aos direitos e cidadania para famílias com vulnerabilidade social. Para que isso realmente aconteça, foram criados os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) que estão inseridos em bairros com grande risco social.

O CRAS é destinado à prestação de serviços e programas sócio assistenciais de proteção social básica, onde tem um papel importantíssimo perante as famílias e indivíduos. Tem papel preventivo, pois busca sempre desenvolver o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, por meio de programas como Projovem, Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos e projeto Vida.

Inaugurado em dezembro de 2009, o CRAS Vila Miguel que atende atualmente 340 (trezentos e quarenta) famílias por mês, veio para completar as diretrizes do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) de Criciúma.

Essa pesquisa se propôs a aproximar com a realidade desses indivíduos dentro da sociedade em que vivem, de modo que, possibilitou o trabalho socioeducativo para a integração dos mesmos. Assim, algumas oficinas foram desenvolvidas para ajudar na socialização das crianças e adolescentes, tais como: esporte, artes, apoio pedagógico, cidadania, grafite, dança e informática.

Este trabalho se aprofundou na oficina de esporte demonstrando a seriedade da Educação Física no ambiente social. O tema Educação Física como meio de inclusão social no CRAS Vila Miguel no município de Criciúma/SC, procura mostrar a aprendizagem social que o esporte proporciona dentro de uma concepção resiliente. O tema deste estudo se deu pelo fato de que a Educação Física tem um grande impacto no desenvolvimento integral das crianças e adolescentes.

A resiliência surgiu na pesquisa depois de uma conversa com a orientadora da pesquisa e com o auxílio de outra professora do curso de Educação Física.

Desta forma, constituiu-se como problema de pesquisa: Como auxiliar as crianças e adolescentes nas atividades de Educação Física reconhecendo as ações pedagógicas resilientes no processo de inclusão das crianças e adolescentes?

O objetivo geral deste estudo foi: Verificar as contribuições da Educação Física no processo de integração, socialização e cooperação das crianças e adolescentes, reconhecendo novas ações pedagógicas tendo como objetivo específico: descrever a importância de uma instituição que se propõem a prática resiliente.

Para melhor desenvolver a pesquisa foram apontadas algumas interrogantes científicas:

Como a prática pedagógica resiliente poderá auxiliar as crianças e adolescentes?

Qual importância da integração, socialização e cooperação na inclusão da criança e do adolescente?

Como as atividades esportivas inseridas no dia a dia das crianças e adolescentes favorecem a inclusão?

Tratou-se de uma pesquisa de campo descritiva com abordagem qualitativa que teve como público alvo os facilitadores, pais/responsáveis, crianças e adolescentes, todos, indivíduos que participam de forma direta da instituição. Sendo que, desta população foi retirada a amostra simples e intencional, representada por seis (6) facilitadores, sete (7) pais/responsáveis, dez (10) crianças e dez (10) adolescentes. Para o levantamento dos dados foram utilizados questionários semi-estruturados.

A organização da pesquisa estruturou-se em três momentos: No primeiro momento, apresenta discussões sobre o tema, podendo citar os autores Rosa (2009) e Tavares (2001), que abordam questões sobre a resiliência e seu surgimento. Toledo (2008) e Assis (2006), que retratam os riscos sociais e os mecanismos de proteção. Henderson e Milstein (2004), que destacam os fatores promovedores da resiliência. Libâneo (1992), que descreve questões da aprendizagem. Coletivo de Autores (2009), que ressalta a importância da avaliação. BRACHT (1999), que descreve sobre as teorias da Educação Física e suas construções ao longo tempo. Kunz (2006), que aborda a concepção crítico emancipatória. Também se cita a Secretaria Municipal do Sistema Social e a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais que ilustram a questão do CRAS enquanto prioridade para as famílias com vulnerabilidade. Barbirato (2011) e Silva (1995), e outros, que descrevem sobre a criança, adolescente, esporte e inclusão social.

No segundo momento, esboçam-se os procedimentos metodológicos, caracterizando a pesquisa, descrevendo tipo de amostra e os instrumentos utilizados.

No terceiro momento, explana-se sobre a análise e discussão dos dados com base na análise do discurso a luz do referencial teórico e das considerações da compreensão do acadêmico.

Finalizando o trabalho, seguem a conclusão, referências bibliográficas, apêndices e anexo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

Nos três capítulos, busca-se unir conceitos de importância para este estudo. Serão apresentados subsídios que revelam a importância de uma prática resiliente, além de apresentar o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e também de um enfoque na Educação Física e inclusão social.

2.1 A HISTÓRIA DA RESILIÊNCIA

Neste capítulo abordaremos sobre a resiliência, ressaltando sua importância na educação.

A psicologia vem com um termo onde reflete na capacidade que a pessoa tem em reagir aos desafios e dificuldades durante algum momento da vida, esse termo denomina-se resiliência. Segundo Tavares (2001 apud ROSA 2009), a palavra resiliência no sentido etimológico tem como significado resilio de re + salio “ser elástico” que retorna a posição original após uma deformação.

O termo resiliência se faz presente em nossa vida, sendo que geralmente é com a ajuda do outro que um indivíduo torna-se um ser resiliente.

Segundo Yunes e Szymanski (2001 apud, ROSA 2009, p. 11), a origem do termo resiliência nasce da física e engenharia, seu precursor foi o cientista Thomas Young. Thomas buscou a relação entre a força aplicada num corpo e a deformação que ela produzia.

De acordo com Tavares (2001), denomina-se resiliência um material correspondente a determinada solicitação a energia de deformação máxima que ele é capaz de armazenar sem sofrer deformações permanentes.

Notamos em Tavares (2001), que a psicologia apropriou-se do conceito denominado resiliência como: a capacidade de responder de forma mais sólida aos desafios e dificuldades, de reagir com flexibilidade e idoneidade de recuperação diante desses desafios.

Conforme Yunes e Szymanski (2001 apud, ROSA 2009, p. 12), na psicologia esse conceito desenvolveu por meio do inglês Michel Rutter, nos países

da Europa, Estados Unidos e Canadá, o termo é utilizado pelas áreas das ciências sociais e humanas.

Uma pesquisa realizada com 698 pessoas que padeciam de pobreza extrema, concretizada durante 32 anos pelas norte-americanas Emmy Werner e Ruth Smith segundo Hoch (2007), na ilha de Kauai no Hawaí, o estudo focalizou em 72 crianças onde além de viver de vulnerabilidade, ainda sofriam com abusos sexuais, violência doméstica, entre outros. Apesar de passarem por essas adversidades, quando adultas não apresentaram problemas de aprendizagem e comportamento, considerando como casos de pessoas resilientes.

A resiliência está interligada com os fatores de risco e fatores de proteção, pois ambas estão inseridas diretamente no tema.

Toledo (2008), descreve que fatores de risco são a presença de um ou mais fatores que aumentam as chances de resultados negativos para o indivíduo.

Conforme Luthar, (1993 apud, TOLEDO 2008, p. 8), estudos apontam que alguns fatores de risco estão frequentemente relacionados ao processo educacional, tais como: Abuso sexual, Maus tratos, Álcool e drogas na família, Crimes na família, Classificação como “diferentes”, sofrendo exclusão, Separação dos pais, Morte de entes queridos, Falhas educacionais, Doenças crônicas ou terminais, Abandono, Entre outros.

Fatores de proteção implicam em condições de ambientes capazes de favorecer a criança, com o intuito de diminuir os efeitos de circunstâncias desfavoráveis.

Para Assis (2006), os mecanismos de proteção são compostos por recursos familiares e sociais disponíveis as crianças, bem como suas próprias forças para lidar com a inevitável adversidade na vida.

Frente a essa realidade Antunes (2003 apud, ROSA 2009, p. 14), ressalta que as empresas têm um melhor entrosamento com a resiliência, à empresa demonstra mais subsídios do que a área da educação. Uma empresa resiliente é aquela que supera certos problemas como: desastres naturais, mudanças econômicas, concorrência e espionagem. Existem cinco princípios básicos que as empresas utilizam para ser resilientes.

A crença: que nada mais é do que desejar conquistar os fundamentos para ser manter resiliente. Crer que é possível.

Cultura: pressupõe princípios de auto-organização, capacidade de mudar quando necessário, confiança e criatividade, buscando sempre precaver um senso de confiança entre as pessoas.

Espaço ambiental: cujo significado não se baseia em um espaço rico e suntuoso, porém um espaço que propicie flexibilidade e contato entre as pessoas.

Planejamento: implica na construção de uma infra-estrutura com espírito cooperativo, com reflexões e dinamismo.

E por fim as pessoas, a peça fundamental para que um espírito de resiliência incorpore na empresa. São fundamentais seus comportamentos, mostrando sempre habilidades e competência transparecendo em atitudes eficientes.

Partindo do pressuposto que as organizações empresariais necessitam desses princípios básicos para se tornarem resilientes, acreditamos que os mesmos são essenciais também para promover no ambiente do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). Todavia, assim como algumas empresas, o CRAS também encontrara dificuldades para que isso aconteça deixando de efetivar a questão da resiliência.

Na era da globalização e de muita informação, ocorrem transformações constantemente, acelerando as mudanças no contexto social, alterando o modelo de vida das pessoas, por meio da economia, política, cultura e educação, surgindo novas exigências a cada dia para cada um envolvido com tais mudanças.

Essas mudanças se fazem necessário, porém um modelo de educação resiliente será imprescindível para enfrentar os desafios da sociedade.

2.2 VIVENCIANDO A RESILIÊNCIA PROMOVIDA PELA EDUCAÇÃO FÍSICA

O CRAS é um espaço assim como a escola, que além da aprendizagem, possibilita sonhos, desejos, esperanças. Por isso, é lá que se desenvolve o pensar, que se amplia a visão de sociedade das crianças.

Partindo dessa premissa, o CRAS depois da família é um dos lugares promovedores de resiliência mais intensos que existe, pelo fato de que esta atuando diretamente para com as crianças e adolescentes.

No espaço pedagógico que o mesmo oferece acontece à interação entre sujeitos até sua adolescência, assim temos a vantagem de acompanhar o desenvolvimento das crianças e adolescentes e condições de atuar para possíveis intervenções necessárias a promoção da resiliência.

A educação resiliente permite dar coragem a criança e o adolescente para que sintam sua competência, desta forma, pode ajudá-los a adquirir autoconfiança, autonomia, tendo assim uma visão otimista do futuro.

Para Grunspun (2005 apud ROSA 2009, p. 16), a criança e o adolescente devem acreditar em si mesmo, e isto somente acontece quando ha uma combinação de expectativas com suporte que garanta isso a eles.

Acreditamos que um CRAS com currículo resiliente cria condições que podem auxiliar no envolvimento significativo dentro do mesmo, currículo que será citado pelo autor Henderson e Milstein em sua Roda de resiliência.

Neste sentido Henderson e Milstein (2004), destacam no livro Resiliência na Escola, seis fatores promovedores de resiliência em uma instituição escolar que designaram de: Roda da Resiliência.

1- Enriquecer os vínculos: procura envolver as crianças em atividades cooperativas com o intuito de proporcionar interação para que elas sintam-se pertencentes ao espaço que estão inseridas. Desta maneira tem menos chances de se envolverem em condutas de risco em relação aquelas que não têm vínculo.

2- Estabelecer limites claros e firmes: implica em implementar políticas e procedimentos escolares claros e firmes, porém sem arbitrariedade, deste modo, os educandos sentem-se seguros para cumprir os objetivos propostos.

3- Ensinar habilidades para a vida: na contemporaneidade os educandos e educadores necessitam de desenvolvimento profissional e conhecimentos que vão além da transmissão de conteúdos. Com a rapidez que surgem novos dados, avanços tecnológicos e surgimento de novos campos sociais, os conhecimentos logo se tornam obsoletos. Portanto há a necessidade de se “reciclar” sempre, a fim de criar estratégias de ensino que incluem cooperação, resolução de conflitos, destreza na comunicação, habilidades para resolver problemas diante de stress adotando uma postura saudável, entre outros.

4- Proporcionar afeto e apoio: elementos cruciais para a promoção da resiliência. Afeto e apoio podem e devem aparecer também nas escolas e não só no

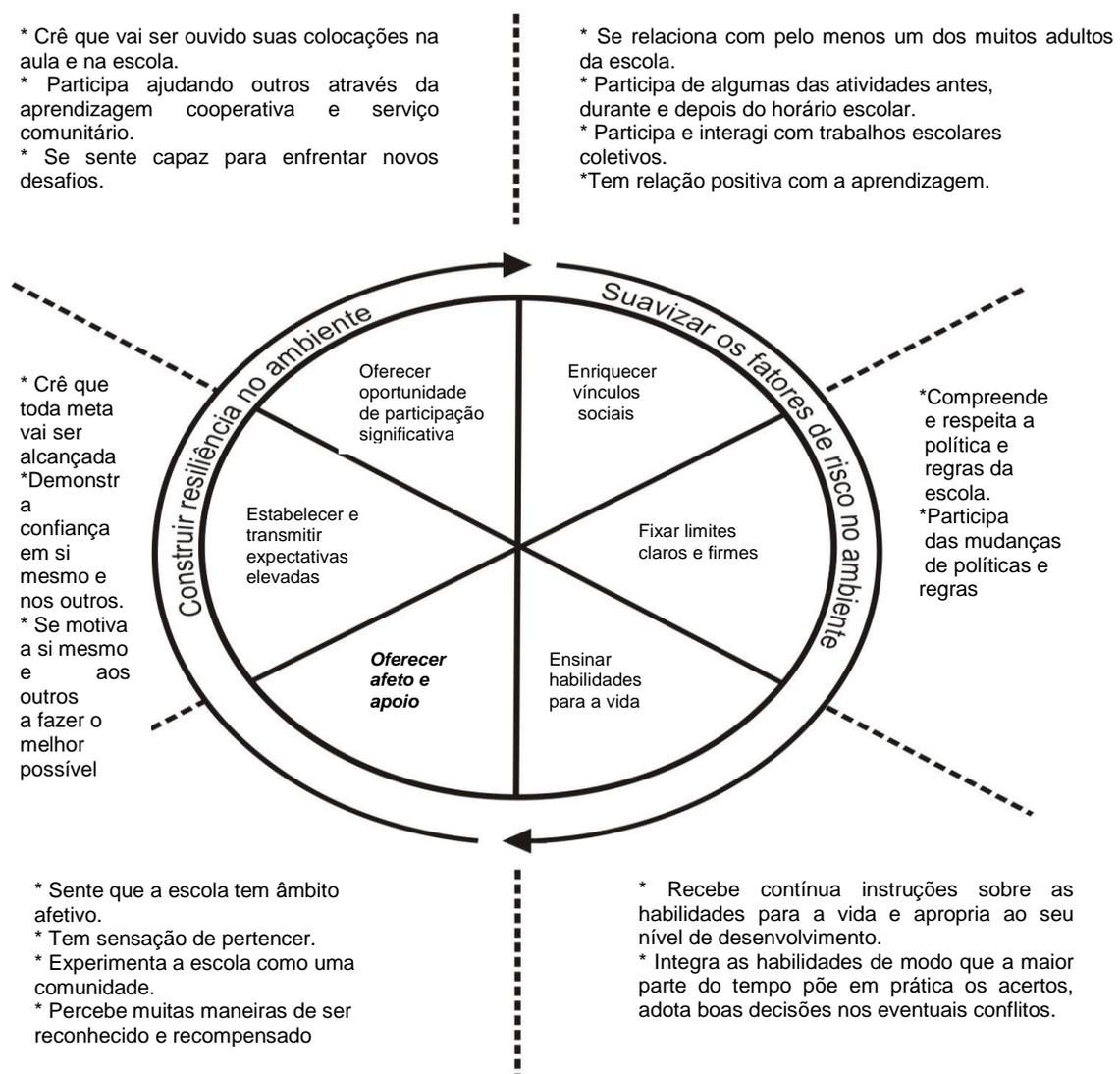
núcleo familiar. Uma forma de proporcioná-los e celebrar os resultados positivos alcançados, tanto dos educandos como dos educadores.

5- Estabelecer e transmitir expectativas elevadas: as expectativas precisam ser realistas e atingíveis a fim de alcançar os objetivos finais.

6- Proporcionar oportunidades de participação significativa: implica em efetivar a participação de todos os envolvidos em determinado ambiente escolar, assim como os familiares, por isso todos têm responsabilidades pelo que ocorre na escola porque tomam as decisões em conjunto, planejam e fixam metas juntos.

Portando ter esclarecido sobre o perfil do aluno resiliente é necessário, para que o facilitador possa mediar os conhecimentos a partir destas características. O autor Henderson nos mostra a seguir qual é este perfil.

Perfil do aluno Resiliente



Fonte: HENDERSON, Nan. MILSTEIN, Mike. **Resiliência na escola**. Buenos Aires: Paidós, 2004.175p

Um centro de referência de assistência social resiliente viabiliza o trabalho nas relações humanas, nas ações colaborativas, procura enfatizar que os pontos de vista diferentes não são necessariamente erros ou acertos, mas sim, divergências que podem colaborar para o desenvolvimento de novos aprendizados. Assim, para uma instituição resiliente, o “aluno” não é o que mais sabe intelectualmente, mas aquele que alia desenvolvimentos diferentes com harmonia em diferentes situações.

Para Antunes (2003 apud ROSA 2009, p. 19), o currículo resiliente deve distanciar-se da concepção pedagógica tradicional, da memorização e repetição, reduzindo-se a quantidade para exaltar a qualidade da aprendizagem. Oportunizando as crianças e adolescentes o pensar, a dizer e a apreender.

Nesta perspectiva, uma educação calcada na resiliência incentiva a autodescoberta, bem como a automotivação, instigando nas crianças e adolescentes a potencializar sua imaginação, autoestima desenvolvendo características de construir um cidadão crítico e atuante.

A partir da Roda da Resiliência os autores Henderson e Milstein (2004), apresentam o perfil da criança resiliente.

Todo aluno é único e diferente e, portanto abriga necessidades diferentes de ver e aprender; a diferença que cada aluno exhibe inclui seu estado emocional, suas aptidões, seu ritmo e estilo de aprendizagem, seu sentimento de eficiência, o uso que deseja fazer do aprendido e ainda outros atributos de sua singularidade. (ANTUNES 2003 apud ROSA 2009, p. 19)

Sendo assim, para que uma instituição possua crianças e adolescentes com perfil resiliente, é preciso deixar de ser uma instituição assistencialista para as crianças e se transformar em uma instituição das crianças e adolescentes, em que são enfatizadas ações promotoras de resiliência destacadas no centro da roda.

É pertinente destacar, também, a relevância das relações de afetividade no ambiente do CRAS. Na Roda da Resiliência, o afeto aparece em destaque, neste contexto, o facilitador e os demais membros da comunidade do CRAS precisam atentar-se para o fato de que estabelecer vínculos afetivos favorecendo a integração e o interesse das crianças para o conhecimento.

2.3 A RESILIÊNCIA E OS FACILITADORES

Um centro de referência de assistência social com condutas resilientes precisa ter facilitadores resilientes também, pois segundo alguns estudos, eles são uns dos principais tutores e promovedores de resiliência que atuam nas instituições.

A sociedade atual remodela-se a cada momento, vivem constantes processos de transformação, portanto, acredita-se que o facilitador precisa redefinir seu papel na ação docente, mobilizando conhecimentos necessários para o enfrentamento das mais diversas situações do cotidiano da instituição.

Por tanto, se faz necessário imbuir-se de atitudes diferenciadas, audaciosas e desafiadoras.

Acredita-se que o professor, denominado facilitador no CRAS, pode se tornar elemento ativo na transformação de uma nova sociedade, e conseqüentemente, de um novo cidadão que nela está inserido.

Tavares (2001), aponta que os facilitadores, devem levar para o espaço pedagógico, as grandes preocupações que, no mundo de hoje, afligem a humanidade, por meio da pobreza, violência, insegurança e todas as formas de inclusão social.

Percebe-se que para efetivar uma educação nos padrões da resiliência, urge termos facilitadores engajados a se envolverem diretamente com seus estudantes, isto significa participar ativamente do cotidiano deles.

Diante disto, acredita-se que estes profissionais podem desenvolver um trabalho mais eficaz e efetivo, pois com esta interação entre facilitador e família, criam-se vínculos.

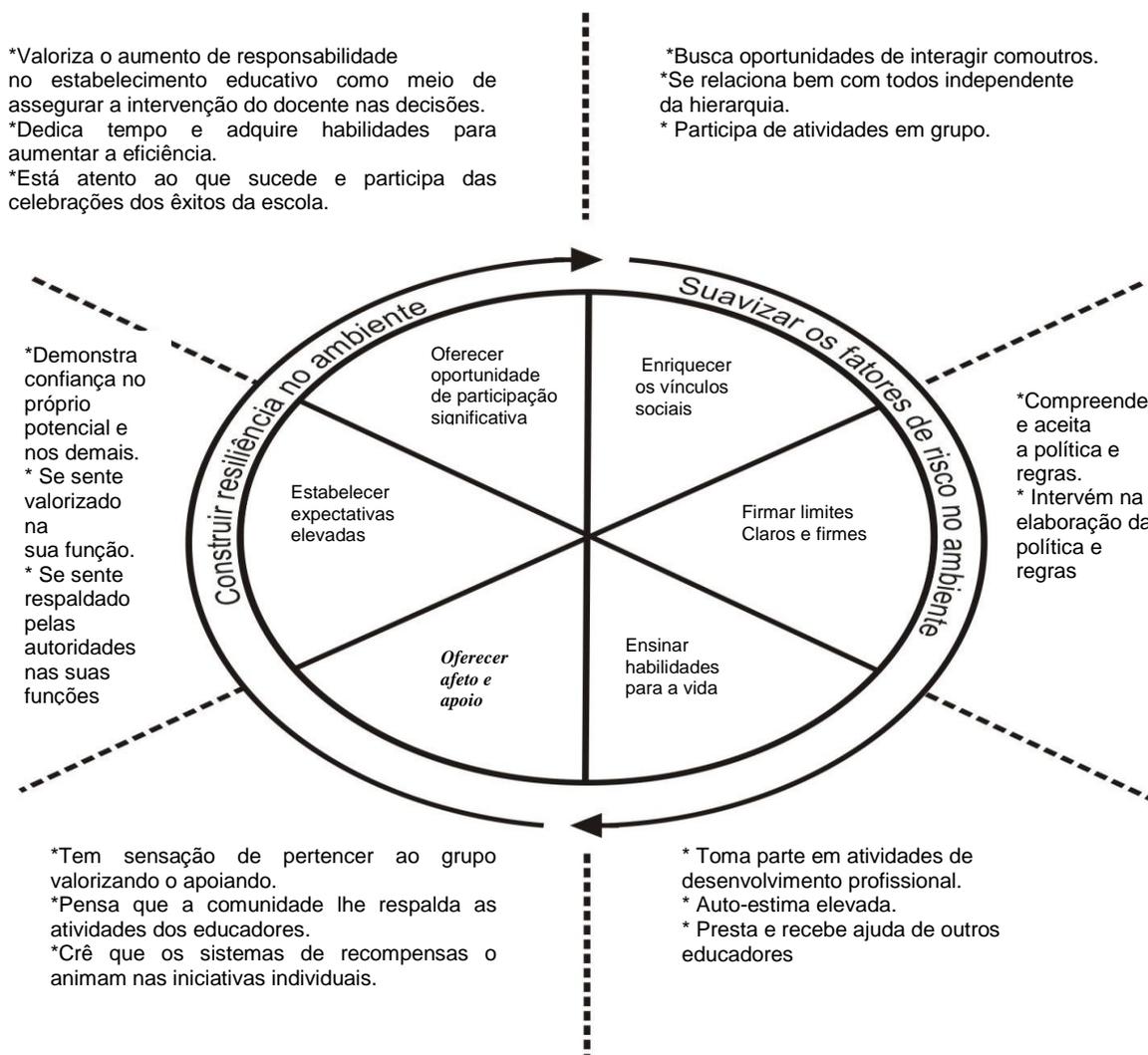
É importante destacar que o professor resiliente possui um perfil diferenciado, como mostra a Roda da Resiliência segundo Henderson e Milstein (2004). Segundo esses autores, um profissional de educação com os perfis descritos na Roda de Resiliência, possivelmente possuem mais condições de atuar de maneira promovedora da mesma no contexto escolar.

O desenvolvimento de capacidade de resiliência nos sujeitos passa através da mobilização e ativação das suas capacidades de ser, estar, de ter, de poder e de querer, ou seja, pela sua capacidade de autoregulação e autoestima como rasgo essencial de sua personalidade. (TAVARES, 2001, p 52).

Acredita-se que o facilitador resiliente e promovedor de resiliência prima pela busca de soluções eficazes para possíveis problemas do cotidiano da instituição, bem como, tentar desenvolver habilidades para um melhor convívio com as situações de adversidade.

Portanto este promovedor deve ter a clareza de que é ser um profissional com características de um facilitador resiliente, é o que veremos a seguir.

Perfil do Professor Resiliente



Fonte: HENDERSON, Nan. MILSTEIN, Mike. **Resiliência na escola**. Buenos Aires: Paidós, 2004.175p

2. 4 APRENDIZAGEM E SUA CONCEPÇÃO

O homem é um ser que aprende a vida inteira. Aprende-se com condições internas e externas. “qualquer atividade humana praticada no ambiente em que vivemos pode levar a uma aprendizagem” (LIBÂNEO, 1992, p. 81).

De acordo com Libâneo (1992), a aprendizagem é distinguida em casual e organizada. Aprendizagem organizada incide em aprender conhecimentos e habilidades nas mais diversas organizações. Já a aprendizagem casual consiste da interação entre as pessoas e com o ambiente em que vivem.

Atividades planejadas, vínculo direto com o meio social e influencia de fatores afetivos e sociais são características da aprendizagem escolar que Libâneo (1992), destaca em seu livro. A aprendizagem escolar é considerada, como um processo de assimilação física e mental, organizados e orientados no processo de ensino.

2.5 COMPREENSÃO DE APRENDIZAGEM

A aprendizagem consiste na modificação geral de aspectos cognitivos, afetivos, psicomotores e sociais do indivíduo. Há diversas concepções de desenvolvimento e aprendizagem.

Na tendência tradicional de ensino, o sujeito é considerado como uma folha em branco que será moldado pelos estímulos do ambiente, ele é condicionado, sendo treinado para se ajustar aos padrões sociais. Nesta concepção o conhecimento não é construído e sim, transmitido de alguém que sabe para alguém que não sabe, aponta Fontana (1997 apud ROSA 2009, p. 27).

Entretanto, na tendência progressista enfatiza a aprendizagem construtivismo e histórico-social. No construtivismo a aprendizagem não interfere no desenvolvimento, porem é dependente dele.

Para Fontana (1997 apud ROSA 2009, p. 27), a relação entre o que fazer e compreender, entre ação e a operação, fazem parte dessa tendência.

Por fim, a abordagem histórico-social prega que o sujeito e o conhecimento se relacionam por meio da interação social. A relação entre homem e mundo acontece pela mediação, nos quais são os signos e instrumentos.

Fontana (1997 apud ROSA 2009, p. 27), ainda ressalta que o desenvolvimento e a aprendizagem estão em permanente relação desde o nascimento do sujeito.

2.6 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Avaliação é o acompanhamento do processo ensino aprendizagem que compreende o acontecimento diário de sala de aula, uma reciprocidade entre professor e aluno.

Por meio das avaliações é que se obtêm os resultados dos objetos propostos, tornando-se um trabalho de reflexão diante da qualidade do ensino bem como da aprendizagem das crianças.

A avaliação é um ato pedagógico. Nela o professor mostra suas qualidades de educador na medida em que trabalha sempre com propósitos definidos em relação ao desenvolvimento das capacidades físicas e intelectuais dos alunos face as exigências da vida social [...] os objetivos devem expressar também as reais possibilidades dos alunos de modo que estejam em condições de cumprir as exigências colocadas pela escola. (LIBÂNEO 1992, p. 203).

Deste modo, acredita-se na relevância da reflexão por parte do docente acerca do processo de avaliação, pois ela pode ser um “termômetro” para eles repensarem sua prática.

A avaliação precisa ser um instrumento que favoreça o desenvolvimento intelectual, social, possibilitando que as crianças desenvolvam seu pensamento crítico, criativo e independente.

Segundo a proposta curricular de Santa Catarina (1998, p. 75), “A avaliação subsidiará a intencionalidade do processo ensino-aprendizagem, oportunizando aos professores a retomada sistemática dos encaminhamentos metodológicos, no sentido de que o aluno aprenda mais e significativamente”.

A Educação Física compreende-se como uma disciplina onde seu objeto de estudo é a expressão corporal enquanto linguagem, e é através dela que será

mediado através do conhecimento sistematizado da cultura corporal o processo de socialização das crianças e jovens.

De acordo com o Coletivo de Autores (2009), a avaliação é um dos aspectos essenciais do projeto pedagógico por justamente ser por meio dela que se estrutura o processo de aprendizagem, sendo que para uma proposta de avaliação numa visão crítico superadora é necessário considerar e reconsiderar aspectos como:

O projeto histórico: A sociedade na qual vive o homem e a qual ele quer construir, se materializa no Projeto Pedagógico, nas aulas e na dinâmica curricular.

As condutas humanas: A avaliação do processo ensino aprendizagem da Educação Física tem como proposta levar em conta a observação e a análise da totalidade do aluno sua conduta humana.

As decisões em conjunto: O aluno participa da avaliação coletiva, tendo a possibilidade de se expressar.

As práticas avaliativas: Uma busca constante da identificação de conflitos no processo ensino aprendizagem e a superação dos mesmos pelo esforço do aluno e pela orientação do professor.

O tempo pedagogicamente necessário para a aprendizagem: Deve ser levada em consideração a análise do professor e da equipe pedagógica da escola em relação ao tempo necessário para que a aprendizagem se efetue de acordo com o ritmo de aprendizagem da turma.

A compreensão crítica da realidade: O rompimento de uma realidade que não aparece, que faz dos alunos todos iguais, que condiciona a compreensão sobre a educação, ensino e aprendizagem.

O privilégio da ludicidade e da criatividade: Reconstruir o entendimento de que a avaliação é o princípio de rendimento para o pensar dos princípios do lúdico e da criatividade.

A intencionalidade e intenções: É necessário que se leve em consideração tanto os interesses e necessidades dos alunos, quanto às intenções da sociedade.

A nota enquanto síntese qualitativa: Transformar o ato de dar a nota, sintetizando qualitativamente o processo de aprendizagem do aluno, e não utilizando a nota como forma de punição ou compensação.

Entretanto, em algumas instituições ainda predomina uma perspectiva tradicional, em que é feita uma avaliação classificatória, onde se verifica e se mede o aluno que não obtém resultados esperados por meio de provas.

Acredita-se que o diálogo e os questionamentos, ou seja, a interação, precisam fazer parte constante da avaliação para que o aluno se sinta parte integrante do contexto e, sobretudo, um sujeito da aprendizagem.

2.7 RELAÇÕES DA PRÁTICA PEDAGÓGICA E A RESILIÊNCIA

Muito se discute a respeito da prática pedagógica e sua relevância na construção de uma pedagogia eficiente e transformadora. Contudo sabe-se que nos dias de hoje muitos profissionais da docência ainda não possuem práticas com esta visão, entretanto o trabalho docente vai além de ensinar e transmitir conhecimentos no espaço onde as atividades são propostas.

Sendo assim Libâneo (1992), nos diz que:

O trabalho docente constitui o exercício profissional do professor e este é o seu primeiro compromisso com a sociedade. Sua responsabilidade é preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho, nas associações de classe, na vida cultural e política. É uma atividade fundamentalmente social, porque contribui para formação cultural e científica do povo, tarefa indispensável para outras conquistas democráticas. (LIBÂNEO 1992, p. 115).

Partindo deste pressuposto o facilitador não só precisa possuir habilidades, como necessita ficar atento a fim de compreender cada criança e adolescente na sua totalidade. Isto significa possuir uma relação estreita com cada criança e adolescente para perceber suas dificuldades ou mesmo adversidades que eventualmente possam acontecer.

Acredita-se que a relação entre o facilitador e a criança e o adolescente antes de tudo deve ser aberta ao diálogo, ser também uma relação de reciprocidade. A comunicação torna-se imprescindível na relação do ser humano, pois é uma necessidade.

A partir dessa compreensão importa ao facilitador ir além dos espaços em que está inserido em seu ambiente de trabalho, afim de, compreender melhor a

realidade das crianças e adolescentes. O contato com a família se torna importante para criar vínculos e conhecer a sua história.

Por isso acredita-se ser extremamente importante conhecer a criança e o adolescente fora do ambiente escolar, bem como, sua família. Isso implica em envolver-se, ter competência, e acima de tudo, querer que a criança efetivamente se desenvolva superando da melhor forma possível suas dificuldades.

Uma prática pedagógica resiliente é calcada numa perspectiva de reflexão, cooperação, mediação, auto-estima e um ensino promovedor de criticidade, habilidade, autonomia, inclusão e principalmente promovedora de cidadania.

De acordo com Freire (1996 apud ROSA, 2009, p. 31), "isto exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo avaliação do meu próprio fazer com os educandos."

Acredita-se que o facilitador precisa refletir constantemente, pois a reflexão sobre a prática pedagógica o leva a estabelecer novos pontos de observação facilitando seu trabalho docente e possibilitando uma educação transformadora.

Com o passar do tempo às práticas pedagógicas foram tomando molde da sociedade. A prática da resiliência por parte dos facilitadores pode transcender pelas concepções pedagógicas, mais precisamente com a pedagogia crítico emancipatória e crítico superadora.

As teorias pedagógicas da educação física se constituíram ao longo do tempo. Sabe-se que, historicamente, corpo e mente, eram tratados como se fossem dissociados, havia por um lado uma educação intelectual e por outro lado uma educação corporal resultando na educação integral. Bracht (1999).

A visão que predominava era da aptidão física e saúde, defendendo que o corpo precisava ser educado para a produção, pois, dessa forma estaria saudável.

O corpo não representava um papel de destaque, precisava apenas ser disciplinado, pois, teria que atender as necessidades produtivas da sociedade e a aprendizagem era reservado ao intelecto.

A visão mecanicista do mundo foi aplicada ao funcionamento do corpo e a Educação Física acabou sendo fortemente influenciada pelas instituições militares e pela medicina.

Assim o nascimento da Educação Física se deu, por um lado, para cumprir a função de colaborar na construção de corpos saudáveis e dóceis, ou melhor, com uma educação estética (da sensibilidade) que permitisse uma adaptação ao processo produtivo. E, por outro, foi também legitimado pelo conhecimento médico – científico do corpo que referendava as possibilidades, a necessidade e as vantagens de tal intervenção sobre o corpo. (BRACHT, 1999, p.73)

No século XX começaram a ocorrer mudanças e a tendência pedagógica esportivizada passou a imperar na Educação Física. O corpo perdeu um pouco do enfoque biológico e passou a ser alvo do treinamento para que obtivesse um bom rendimento, dessa maneira, o país estaria bem representado nas competições, fato que o tornaria superior.

Este paradigma que orientava a Educação Física ganhou forças no Brasil em decorrência da Ditadura Militar, pois, no Brasil dos militares a aptidão física era importantíssima para que a classe trabalhadora adquirisse uma maior capacidade produtiva e para o país estivesse entre as grandes nações.

De acordo com Bracht (1999), na década de 80 a Educação Física passa a incorporar a discussão pedagógica fazendo uma crítica ao paradigma da aptidão física, crítica esta, cujo eixo estava na análise da função social da Educação Física.

Neste período surgem outras propostas como a desenvolvimentista, na qual, a idéia central era promover fundamentos às quatro séries iniciais, a fim de garantir a criança seu desenvolvimento normal, enfatizando os aspectos motores para atingir a educação cognitiva.

Próximas a desenvolvimentista estão a psicomotricidade que exerceu e ainda exerce grande influência na Educação Física brasileira, subordinando seu papel às outras disciplinas escolares e a proposta do professor João Batista Freire, fundamentada na psicologia do desenvolvimento.

“As propostas abordadas até aqui têm em comum o fato de não se vincularem a uma teoria crítica de educação, no sentido de fazer da crítica do papel da educação na sociedade capitalista uma categoria central”. (BRACHT, 1999, p. 79).

A partir daí começam a surgir teorias de cunho progressista, estas sim interessadas em uma reflexão contextual, inserindo a educação física como prática

que possui um papel social, que trabalha não só com o biológico, mas com as dimensões históricas e culturais do indivíduo.

Uma das tendências pedagógicas que surge é a crítico – superadora, enfatizando que a Educação Física tem como área de conhecimento “[...] a cultura corporal que se concretiza nos seus diferentes temas, quais sejam, o esporte, a ginástica, o jogo, as lutas, a dança e a mímica”. (BRACHT, 1999, p.79).

Nessa tendência há uma preocupação maior com o conteúdo, enfatizando os processos desenvolvidos historicamente, e a construção de um conhecimento politizado, a fim de formar cidadãos capazes de interferir na realidade.

Outra proposta que surge é a crítico-emancipatória, “[...] tendo uma concepção de movimento denominada de dialógica, onde o movimentar-se humano é entendido como forma de comunicação com o mundo”. (BRACHT, 1999, p. 80)

Nessa tendência há uma ênfase maior com relação ao movimento humano, sendo este, fonte de comunicação, visando desenvolver a capacidade de agir criticamente.

Vale ressaltar a concepção das aulas abertas de Educação Física, na qual os alunos podem participar das decisões que irão configurar nas aulas, considerando que desse modo poderão se tornar sujeitos mais autônomos e críticos.

Dessa maneira, percebe-se que são várias as propostas que sustentaram e que sustentam a Educação Física. Algumas que mesmo com o passar do tempo continuam presentes na prática pedagógica e outras que foram surgindo após a crítica ao paradigma da aptidão física, formando assim, o contexto em que a Educação Física está inserida.

3. O QUE É CRAS?

De acordo com o Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), o CRAS é uma unidade pública estatal da política de assistência social, de base municipal, localizado em áreas com maiores índices de vulnerabilidade e risco social, destinado à prestação de serviços e programas sócio assistenciais de proteção social básica as famílias e indivíduos. Tem por objetivo desenvolver potencialidades e aquisições do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, e da ampliação do acesso aos direitos de cidadania.

O CRAS é um espaço onde são necessariamente ofertados serviços amparados pela Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS), visando ações do Programa de Atenção Integral a Família (PAIF), que é um serviço continuado de proteção social básica juntamente com o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), que por sua vez em 06 de julho de 2011, transformou-se em lei nº 12.435, sancionada pela presidente Dilma Roussef.

De acordo com a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (2009), as principais vulnerabilidades são desemprego, residentes localizadas em área de ocupação irregular e/ou com risco social, moradia precária, trabalho infantil, pessoas com deficiência na família, criança fora da escola, baixa renda ou nenhuma renda, violência conjugal, pais em situação de reclusão, fragilidades dos vínculos familiares. Diante desses aspectos, as crianças e adolescentes que se encaixam no quadro de proteção social básica e especial são encaminhadas aos serviços de convivência de fortalecimento de vínculos.

Segundo a Secretaria Municipal do Sistema Social, de criciúma (2011), as ações desenvolvidas nos CRASs são: palestra a comunidade, programas de transferências de renda, benefício de prestação continuada, programa de garantia de renda familiar mínima, cadastro único para programas sociais, serviço de convivência e fortalecimento de vínculo e Projovem, oficinas de convivência e de trabalho sócioeducativas, serviço de convivência e fortalecimento de vínculo para idosos - Projeto Vida, Programa da Erradicação do Trabalho infantil (PETI), serviço de proteção e atenção integral à família (PAIF) e atendimento socioassistencial ao cidadão.

O CRAS tem papel importantíssimo perante essas famílias e indivíduos, prevenindo a ruptura de vínculos e contribuindo para a melhora da qualidade de vida.

Na cidade de Criciúma existem seis CRAS que estão inseridos nos bairros mais carentes, com um maior índice de vulnerabilidade. Os seis CRAS estão situados nos respectivos bairros: Vila Miguel, Santa Luzia, Tereza Cristina, Renascer, Próspera e Cristo Redentor, onde cada unidade abrange total de 108 bairros. Inserindo 600 crianças e 150 adolescentes.

São princípios dos CRAS algumas leis que se referem à criança e ao adolescente. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Art. 4º diz que:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.(BRASIL, Lei nº8.069,/1990, p.19).

Inaugurado em dezembro de 2009, no Bairro Vila Miguel, divisa do Bairro Rio Bonito, o CRAS abrange 14 bairros, que atende atualmente 340 (trezentos e quarenta) famílias por mês, onde muitas dessas famílias são circenses, há muito anos atrás o circo flecha se instalou no bairro Rio Bonito, com as pequenas casas feitas de placas de alumínio e tenda do circo a vila começou a crescer. Hoje no bairro existe um sistema de sonorização, criado pelo então conhecido Sr Flecha, tudo o que acontece no bairro e nas proximidades ele comenta em seu equipamento que fica em um ponto privilegiado do bairro, no alto de um morro logo na entrada do bairro. As informações são: nota de falecimento, festas, informações do CRAS, assaltos no bairro, quando chega alguma entrega de eletro ou coisa parecida ele chama a pessoa para ir ate sua residência para receber o produto, entre outras.

O CRAS contém três projetos sociais: Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, Projovem e Projeto Vida. Onde esses participantes que são estudantes frequentam o CRAS no período em que não estão nas escolas.

O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos é um projeto que se destina a crianças com idade de 6 a 14 anos onde são realizados serviços de espaço de convivência, promovendo a participação, cidadania e autonomia das crianças. As atividades inseridas são pautadas em experiências, lúdicas, culturais e esportivas, interação, aprendizagem e sociabilidade.

O programa PROJOVEM é destinado à adolescente com idade de 15 a 17 anos, tem por foco o fortalecimento familiar e comunitário além de contribuir para a permanência desses na escola. As atividades oferecidas têm como objetivo a convivência social, a participação cidadã e uma formação geral para o mundo de trabalho. São abordadas questões como construção de novos conhecimentos, formação de atitudes e valores que pensem no desenvolvimento integral. São oferecidas atividades que desenvolvem habilidades gerais, capacidade comunicativa, inclusão digital, além de convivência social por meio da cultura, esporte e lazer, que são garantidas por lei, constado no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Art. 53 “A criança e o adolescente têm direito a educação visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho” (BRASIL, Lei nº8.069,/1990, p.29).

O Projeto VIDA é um programa que focaliza em um desenvolvimento de atividades priorizando um processo de envelhecimento saudável. Portanto, um projeto pensado nos idosos, além de atuar do desenvolvimento da autonomia, sociabilidade e fortalecimento de vínculos. As vivências, culturais, esportivas e de lazer devem sempre levar em conta as características do grupo, suas experiências vividas.

3.1 CRIANÇA

O olhar sobre a infância não foi sempre o mesmo, assim como seus significados, no decorrer do tempo modificações surgiram na sociedade.

Segundo Barbirato (2011), na Idade Média as crianças eram tratadas como adultos em miniaturas, suas únicas diferenças era a força e o seu tamanho. Não existia uma afetividade nas famílias da época e a socialização da criança entre seus pais não acontecia, entretanto os vizinhos, amigos e criados ficavam com esse papel de realizar uma troca afetiva.

A convivência com adultos era tanta, que o ajudar e o saber fazer tudo, era tratado com aprendizagem essencial.

Barbirato (2011), ressalta que o espaço de privacidade não era respeitado, por ser moradias muito próximas uma das outras, e não havia qualquer

restrição ao contato físico perante as brincadeiras com crianças e adultos, Pensava-se que gestos ou qualquer outra coisa não teria consequência para a criança.

Foi no século XVII que a criança começou a ser reconhecida, e ser respeitada, por meio da religião e diante do batismo. Controle de natalidade, vacinas e práticas saudáveis de higiene são mudanças favoráveis para as crianças.

Segundo Barbirato (2011), a família começa a ter outro olhar um olhar de afeição, a criança ganha importância no meio familiar, com isso a mulher e/ou a mãe, ganham um outro olhar na sociedade.

Barbirato (2011), diz que um conceito de fragilidade e debilidade começa a ganhar força, o comportamento, linguagem, leitura, o pudor com o próprio corpo e a diversão se tornam condicionados com o costume vigente. Deixando de lado a brincadeira e visando apenas o comportamento moral.

No Brasil grande parte das crianças vindas de Portugal nos navios negreiros tinham menos que 10 anos de idade e eram rapidamente inseridas no mercado de trabalho. Nas fabricas de tecelagens as crianças sofriam de maus-tratos e abuso.

Contudo pressionado pelo movimento social o poder público começa a ter outro olhar diante das crianças.

Segundo a Proposta Curriculares de Santa Catarina (2005), a partir de 1923 começam os avanços sobre o direito da criança.

A definição de criação segundo a LEI N° 8.069, de junho de 1990, do estatuto da Criança e do Adolescente. Art. 2° considera-se criança, para os efeitos desta lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos. Porém, não há um consenso nas legislações, pois a concepção modifica entre sociedades e culturas.

Segundo a Proposta Curriculares de Santa Catarina (2005), no Art.1°, a concepção de criança se dá a todo ser humano com menos de 18 anos de idade.

No Brasil cerca de vinte e cinco mil (25.000,00) crianças entre cinco e nove anos, segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2002), são submetidas a trabalho domestico. A etapa primordial da criança é totalmente roubada, deixando sequelas, pois a criança que brinca tem um desenvolvimento psicológico, cognitivo, físico e social.

Brazelton e Greenspan (2002), relatam que relacionamento sustentadores por meio dos pais, cuidadores e educadores, auxiliam no crescimento do sistema

nervoso central da criança, deixando de comprometer as capacidades cognitivas. Esses relacionamentos são base para o crescimento, tanto intelectual quanto social.

3. 2 ESPORTE

De acordo com Silva (1995), o esporte se caracteriza em uma ação predominante física e intelectual, competitiva, desenvolvida de acordo com as regras nacionais e internacionais, podendo ser promovida por diferentes segmentos sociais e com fins e objetivos diferentes.

Silva (1995), ainda ressalta que o esporte é reconhecido por meio de três dimensões: Esporte educação, esporte lazer e esporte espetáculo. Onde cada uma dessa dimensão possui características próprias em sua metodologia, até porque possuem fins e objetivos diferentes. O esporte tem que ser estruturado a partir do paradigma do contexto vivido,

Esporte de lazer tem na sua essência o aspecto social, pelo fato de que exerce um papel com finalidade maior na democratização e melhora da qualidade de vida dos envolvidos.

Para Rose Jr (2002), a prática esportiva como meio de educação deve ser caracterizada pelos seguintes princípios: totalidade, co-educação, emancipação, participação, cooperação e regionalismo. Assim o esporte pode contribuir para uma formação de sujeitos afetivos, não visando o lado motor.

3. 3 CRIANÇA E O ESPORTE

O esporte quando treinado de uma maneira correta, sem ultrapassar fases da infância, tem seu lado benéfico como: permitir vivências coletivas, estimulando a atuação social, desenvolvimento corporal, social e psíquico quando esse esporte não visa resultados imediatos e a auto-valorização assim como o reconhecimento individual.

Por outro lado Kunz (2006), ressalta que um dos maiores problemas provocados pelo treinamento precoce em crianças são: má formação escolar, unilateralização de um desenvolvimento e pouca participação nas brincadeiras

infantis. Os problemas vão além da integridade física, os problemas psíquicos se fazem presentes, pelo fato de que, no esporte há sempre um campeão, um vencedor entre muitos. Fracasso, desilusões, falta de talento são aspectos que trazem problemas psíquicos a criança.

Segundo Apolo (2007), a mídia tem sua parcela de culpa em relação a precocidade no esporte, enfatizando a competição, vitórias, alta performance e o dinheiro. A mídia não mostra nenhuma preocupação em relação ao esporte adequado para a criança e seu trabalho para tal formação. Mostrando jogadores com idade inferior a dezoito anos e com salários altíssimos a mídia enfatiza, a realidade de poucos que conseguiram chegar à tão esperada fama. Construindo em cada criança e adolescente uma esperança.

Em um aspecto voltado para o crescimento e desenvolvimento, as atividades devem respeitar as idades naturais do ser humano, principalmente a criança.

Greco e Brenda (1988, apud APOLO 2007), classificam os níveis dos praticantes como:

- Até 06 anos – Pré-escolar
- 06 a 12 anos – Universal
- 12 a 14 anos – Orientação
- Até os 18 anos – Especialização
- De 18 a 20 anos – Aproximação / Integração
- Maior de 20 anos – Alto Nível

A criança com 12 anos de idade não tem maturidade para compreender o processo competitivo.

O treinamento especializado precoce no esporte acontece quando crianças são introduzidas, antes da fase pubertária, a um processo de treinamento planejado e organizado de longo prazo e que se efetiva em um mínimo de três sessões semanais. (KUNZ, 2006, p. 49).

Apenas com 14 anos de idade em diante o adolescente começa a entender o processo competitivo, antes disso o treinamento deve ser moderado com apenas algumas horas de treinos semanais.

3. 4 ADOLESCÊNCIA

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente Lei nº 8.069 Art. 2º o adolescente é aquele que tem idade entre doze e dezoito anos.

Encontrando-se depois da fase da infância e antes da fase adulta, o adolescente vive um momento de alteração: físico, mental e social.

Na adolescência, os afetos e os conflitos são ampliados. Em geral ocorre um desajuste consigo mesmo, havendo maior necessidade de afirmação pessoal e de busca de autonomia e independência em relação à família. (ASSIS, 2006, p. 23).

A puberdade é uma fase no início da adolescência onde são caracterizadas pelas transformações físicas e biológicas no corpo de meninos e meninas. Nas meninas geralmente entre os 10 a 13 anos de idade e 12 a 14 nos meninos. Segundo Galimard 1983 a fase da puberdade

[...] acontece primeiramente no corpo e mediante o corpo: mas é também uma modificação do modo de pensar e de agir, um questionamento de tudo o que parecia, até então, definitivo: uma nova visão menos ingênua do mundo [...] (GALIMARD, 1983, p. 12).

É durante a puberdade que ocorre o desenvolvimento dos órgãos sexuais, os meninos passam pelas seguintes alterações corporais e biológicas: aparecimento de pêlos pubianos, crescimento do pênis e testículos, engrossamento da voz e crescimento corporal.

Galimard (1983), ressalta que é em torno dos 11 aos 14 anos que os órgãos genitais têm um crescimento notável em seu volume e tamanho, podendo até ser definitivo. Aos 14 anos a voz começa a mudar.

Galimard (1983), diz que nas meninas, o desenvolvimento dos seios e o aparecimento dos pelos na região pubiana começam a partir dos 10 ou 11 anos de idade. E com 12 anos começam a crescer os órgãos genitais. Entre as meninas, as mudanças mais importantes são: começo da menstruação (a primeira é chamada de menarca).

Nesta fase, os adolescentes podem variar muito e rapidamente em relação ao humor e comportamento. Agressividade, tristeza, felicidade, agitação, preguiça são comuns entre muitos adolescentes neste período.

Uma marca comum da maioria dos adolescentes é a necessidade de fazer parte de um grupo. As amizades são importantes.

A gravidez precoce tem se transformado num grande problema de saúde pública. Com poucas informações e uma vida sexual ativa cada vez mais precoce muitas adolescentes estão engravidando numa época da vida em que se encontram despreparadas para assumir as responsabilidades de mãe.

4. EDUCAÇÃO FÍSICA E INCLUSÃO SOCIAL

Para Barros (2007), a inclusão está ligada a todas as pessoas que não têm as mesmas oportunidades dentro da sociedade e também aqueles que não possuem condições financeiras dentro dos padrões impostos pela sociedade. Pode-se citar que os principais dos aspectos geradores de inclusão social são: idade; preconceito racial; deficiência; educação; origem geográfica; classe social.

Assim como, a inserção do cidadão na sociedade por meio da educação e do trabalho.

Para Pigatto (2011), uma conquista social que tem como objetivo fazer com que o excluído participe da sociedade. A inserção das pessoas na vida em sociedade por meio dos aspectos: educacional, econômico, cultural, político e ambiental, ainda definem a inclusão social como a arte da democracia na diversidade.

A Inclusão Social visa oferecer a todos, com intuito de minimizar as diferenças pessoais, oportunidades de participação e interação social dentro de um sistema que os beneficie não apenas de algumas pessoas da sociedade.

Segundo Coletivo de Autores (2009), a Educação Física surgiu no âmbito escolar na Europa no final do século XVIII, onde seus conteúdos eram focados na ginástica e dança e o seu maior público era a sociedade burguesa. Antes disso, a Educação Física era praticada sob os aspectos militares, rítmicos, médicos e esportivos.

No início do século XIX, uma nova sociedade surgia, a sociedade capitalista, apontando o papel do exercício físico, visando à construção de um “novo homem” muito mais ágil e forte.

Alguns aspectos determinantes da inclusão social já estavam inseridos nessa “nova sociedade”. A miséria pertencia à grande parte da sociedade e a riqueza a poucos. A classe trabalhadora era meramente receitada para realização de exercícios físicos, visando um corpo saudável, disciplinado e ágil, onde descreve Coletivo de Autores, (2009).

De acordo com Coletivo de Autores (2009), os reais interesses da classe trabalhadora se incluem em necessidades de sobrevivência, assim como, alguns de seus direitos: habitação, saúde, educação, alimentação e transporte.

Segundo Coletivos de Autores (2009), a teoria juntamente com a pedagogia aplicada consegue construir os discursos e as explicações sobre a prática social. Diante disso, atua diretamente na ação do homem e na sociedade em que está inserido.

Percebe-se que o processo histórico da Educação Física se desenvolveu em meio da inclusão social, entretanto, para Werneck (2003), uma sociedade inclusiva é aquela que tem a capacidade de contemplar todas as condições humanas, encontrando meios para cada ser humano exercer o direito de contribuir para o bem comum, onde não se vê no contexto histórico da Educação Física.

4. 1 OS BENEFÍCIOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA INCLUSÃO SOCIAL

Para muitos a Educação Física é fonte de prazer e alegria. A partir dessa característica se pode contribuir com o processo de inclusão de crianças e adolescentes na sociedade. Cabe a instituição de ensino levar em consideração a relevância social do conteúdo.

[...] a criança, através do esporte, aprende que entre ela e o mundo existem “os outros”, que para a convivência social precisamos obedecer determinadas regras, ter determinado comportamento (OBERTEUFER/ULRICH, 1977); aprendem as crianças, também, a conviver com vitórias e derrotas, aprendem a vencer através do esforço pessoal; desenvolvem através do esporte a independência e a confiança em si mesmo, o sentido de responsabilidade, etc. (BRACHT, 2005, p. 59).

As atividades inseridas não devem ser apenas ensinadas, seu verdadeiro valor está na sua significação humana e social com a realidade que esta implantada. “[...] vinculado à explicação da realidade social concreta e oferecer subsídios para a compreensão dos determinantes sócio – históricos do aluno, particularmente a sua condição de classe social.” (COLETIVO DE AUTORES, 2009, p. 32). Dessa forma, seus conteúdos e objetivos contribuem para o melhor desenvolvimento integral da criança e adolescente perante a sociedade em que estão inseridos.

A Educação Física contribui para o desenvolvimento, por ser uma disciplina onde a ludicidade, a liberdade e a individualidade se expressam, tornando-se ambiente ideal para aprendizagem. Ao proporcionar o desenvolvimento integral

de aspectos motores, afetivos, cognitivos e sociais a Educação Física capacita a criança e o adolescente a se incluir na comunidade.

No CRAS, os profissionais que ministram as oficinas são denominados facilitadores, pois ajudam de forma a contribuir com o desenvolvimento geral das crianças e adolescentes, ou seja, para um ser social, não visando, em suas atividades, objetivos como aptidão física, aprendizagem motora, buscando flexibilidade, habilidade, condicionamento físico etc. Porém, na mesma atividade que esta relacionada com aspectos biológicos, os facilitadores enfatizam situações, dando total ênfase aos aspectos histórico e social, valorizando sua autonomia e fortalecendo vínculos familiares e comunitários.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Segundo Martins (2008, p. 85), a especificação da metodologia é a parte que atende as questões: como? Com que? Quando? Com quem? É a etapa que dará início a pesquisa, com a busca exaustiva de dados.

5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Este trabalho constituiu-se em uma pesquisa de campo, que nada mais é segundo Martins (2008), à observação de fatos sociais e fenômenos físicos, à coleta de dados referentes aos mesmos e, finalmente, à análise e interpretação desses dados, com base numa fundamentação teórica consistente, objetivando compreender e explicar o problema pesquisado. O desenvolvimento metodológico ainda consiste por uma pesquisa descritiva e com recorte qualitativo.

Segundo Rudio (1986), a pesquisa descritiva está interessada em descobrir e observar fenômenos procurando descrevê-los e interpretá-los.

A pesquisa almeja conhecer a sua natureza, sua composição, além de, conhecer os processos que se constituem.

Rudio (1986), ressalta que a pesquisa descritiva pode ser uma pesquisa de opinião, que tem como objetivo a identificação de falhas ou erros, descrever procedimentos, descobrir tendências, reconhecer interesses e valores.

A abordagem qualitativa tem caráter exploratório, estimulando os questionados a pensar e falar livremente sobre um determinado tema, objeto ou conceito. A pesquisa foi qualitativa, pois se baseou na opinião de pessoas relacionadas diretamente com o trabalho desenvolvido.

5.2 AMOSTRA

A amostra, de acordo com Kmeteuk Filho (2005, p. 64), “pode ser definida como um subconjunto, uma parte selecionada, através da qual se pode deduzir as características do todo”. A amostra se caracteriza como simples intencional.

A pesquisa foi obtida por dez (10) sujeitos para cada determinado questionário. Sendo que os pais/responsáveis, crianças e adolescentes foram escolhidos de forma simples intencional, exceto os facilitadores, onde a pesquisa foi realizada com todos.

5.3 INSTRUMENTOS PARA O LEVANTAMENTO DE DADOS E SUA OPERACIONALIDADE

Conforme Appolinário (2006), os instrumentos de pesquisa correspondem ao procedimento, método ou dispositivo que tenha como finalidade extrair informações de uma determinada realidade, fenômeno ou sujeito da pesquisa.

A escolha do local para realização do trabalho deu-se em função do realizador da pesquisa já ter atuado na instituição.

A operacionalidade, como forma de levantar os dados para a pesquisa realizou-se primeiramente entrando em contato com a coordenadora do CRAS, onde foi colocada a possibilidade de realizar um projeto de pesquisa naquele local, a coordenadora aceitou. Logo após foi conversado com os sujeitos pesquisados e a pesquisa foi aplicada, no período da tarde.

Os questionários aplicados aos pais/responsáveis foram entregues para os adolescentes e para a secretária do CRAS, para que os mesmos pudessem auxiliá-los na coleta dos dados.

A coleta de dados foi feita através de um questionário contendo nove (9) questões destinadas às crianças e nove (9) questões para os adolescentes, dez (10) questões para os pais ou responsáveis e por fim dezenove (19) questões destinadas aos facilitadores. Todos os questionários foram semi estruturadas.

A abordagem foi feita pessoalmente deixando em aberto a aceitação na participação da pesquisa. Sendo que, os questionários tiveram como consentimento três professores do curso de Educação Física.

5.4 CATEGORIAS

Após os dados levantados foram construídos quadros com as falas das quais se definiram três (3) categorias que serão discutidas e analisadas no próximo capítulo.

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Após o preenchimento dos questionários, as informações coletadas foram organizadas de modo que se possa entender o que foi respondido.

O instrumento de pesquisa (questionários) possibilitou classificar as perguntas de modo que essas ilustrassem questões pertinentes ao tema, sendo as respostas divididas em três categorias analisadas a partir do mesmo referencial teórico. Sendo essas:

Categoria A - O CRAS uma instituição necessária no bairro Vila Miguel. Refere-se à importância de poder ter um centro de referência de assistência social no território.

Categoria B - Educação Física reconhecendo ações pedagógicas importantes no processo de inclusão de crianças e adolescentes. Refere-se à concepção ideal para ser inserida de acordo com o contexto do CRAS, destacando a posição dos facilitadores sobre a resiliência, e o relacionamento entre os sujeitos.

Categoria C - A importância da Educação Física na inclusão de crianças e adolescentes no processo de integração e socialização. Refere-se à finalidade da oficina de esporte para as crianças e adolescentes, se a uma participação efetiva ou não.

6. 1 CATEGORIA A – O CRAS, UMA INSTITUIÇÃO NECESSARIA NO BAIRRO VILA MIGUEL.

Localizado em áreas com maiores índices de vulnerabilidade social, o CRAS Vila Miguel atende um total de quatorze (14) bairros, onde há áreas de ocupação irregular, moradia precária, trabalho infantil, baixa renda e fragilidades nos vínculos familiares.

Inicia-se a análise dos dados a partir da idade, gênero e escolaridade das crianças e adolescentes, assim, das dez (10) crianças que responderam o questionário¹, sete (7) delas com 12 anos de idade, duas (2) com 10 anos e uma (1) com 11 anos. Sendo que, das dez (10) crianças, quatro (4) não estão regular na

escola, ou seja, por algum motivo já reprovaram ou deixaram de estudar, três (3) destes são do sexo masculino.

Quanto com a pesquisa realizada com os adolescentes², pode-se perceber que dos dez (10) entrevistados, seis (6) têm 15 anos de idade, três (3) 14 anos e apenas um (1) adolescente com 16 anos de idade. Sendo que, desses, apenas três (3) estão em situação irregular, no qual dois (2) são do sexo masculino.

Com base nos dados descritos acima pode-se associar com o contexto da localidade onde as crianças e os adolescentes moram, devido ao grande índice de fatores de risco. Frente a essa realidade, Toledo (2008) ressalta que esses fatores podem aumentar a chance de resultados negativos para o indivíduo, podendo influenciar diretamente no processo de aprendizagem dessas crianças e adolescentes.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), lei nº 8.069 no Capítulo II Art. 15º A criança e o adolescente têm direito a liberdade, ao respeito, e a dignidade como pessoa humana em processo de desenvolvimento e como sujeito de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição. E no Art. 16º o direito a liberdade compreende os seguintes aspectos: IV – brincar, praticar esportes e divertir-se.

Entretanto, nota-se que, nos bairros próximos ao CRAS não há espaço adequado para a prática de esporte³ ou lazer.

De acordo com as informações coletadas constatou-se que treze (13) crianças e adolescentes residem no bairro Vila Miguel e seis (6) residem no bairro Rio Bonito, onde não há local para que eles possam praticar esportes e/ou brincar com segurança. Em contrapartida das vinte (20) crianças e adolescentes apenas uma (1) considerou que em seu bairro possui local público para prática de esporte

¹ Ver resposta Quadro 3, questão nº 1.

² Ver resposta Quadro 4, questão nº 1.

Quanto à importância⁴ do CRAS para as crianças e adolescentes foi perguntado quais os motivos que as fazem ir para a instituição. Com as respostas foi possível identificar que o CRAS é um local resiliente, pois surgiram fatores como: amizade, brincadeiras, atividades, passeios e afeto com os facilitadores, nos quais fazem enriquecer os vínculos. Entre as respostas destacou-se:

“Por que gosto e me sinto bem com os colegas” (Criança A).

“Porque é bom aprendo varias brincadeiras e também realizamos muitas atividades” (Criança E).

“Porque é legal e eu gosto muito dos facilitadores e funcionários” (Criança J).

Perguntou-se também para os adolescentes⁵ o que eles pensam sobre o CRAS e entre as respostas que se destacaram está à influência que o CRAS tem de tirar as pessoas do mau caminho, afastar das drogas, além de ser acolhedor. É importante ressaltar que nesta questão os pais/responsável também tiveram a mesma opinião. Entre as respostas destacou-se:

“Penso que é uma iniciativa muito boa, pois tira as crianças da rua e da nova oportunidade a elas” (Adolescente B).

Meus filhos não estão na rua usando drogas e fazendo vandalismo (Pais ou Responsáveis C)

Uma boa oportunidade para todos, para as crianças ficarem longe das drogas, e nos adolescentes saber algo para o nosso primeiro emprego (adolescente D).

³ Ver resposta Quadro 3 e 4, questão nº 2.

⁴ Ver resposta Quadro 3, questão nº 3.

⁵ Ver resposta Quadro 4, questão nº 3.

Eu penso que o CRAS, tira as pessoas das ruas para que aprendessem a conviver com outras pessoas (adolescente G).

Sim, porque aumenta o aprendizado e o integra mais com a comunidade (Pais ou Responsáveis D).

Perguntou-se para os facilitadores⁶ e pais⁷ se existe alguma diferença nas crianças e adolescentes que participam do CRAS para com aquelas que não têm a mesma oportunidade. Dentre as respostas destacaram-se:

“Elas tem a chance de visualizar um mundo mais amplo do que a maioria das outras” (facilitador C).

“A diferença é que eles estão aprendendo alguma atividade e não estão nas ruas” (Pais ou responsáveis D).

“Acesso a cultura, esporte, lazer, palestras, viagens, passeios, alimentação balanceada e assistência social”. (facilitador F).

Porém alguns facilitadores responderam que não tem nenhuma diferença, pois somente o ambiente não tem o poder de diferenciar as pessoas, entretanto, disseram que a família junto com esse ambiente poderá intervir no desenvolvimento das crianças e adolescentes.

Observou-se que para os pais o CRAS transmite segurança, já que os bairros em que vivem não lhes proporcionam o mesmo.

Perguntou-se também para os facilitadores qual a maior dificuldade que encontram para trabalhar com essas crianças e adolescentes e, segundo eles, a maior adversidade é o desinteresse por parte dos frequentadores e ainda a falta de apoio e a estrutura física.

⁶ Ver resposta Quadro 1, questão nº 15.

⁷ Ver resposta Quadro 2, questão nº 8.

O CRAS é um espaço que além da aprendizagem possibilita sonhar, desejar, ter esperança. Por isso, lá se desenvolve o pensar, o evoluir sobre a visão de sociedade. Porém, infelizmente para alguns pais e adolescentes o CRAS é apenas um lugar com finalidades⁸ onde se realiza atividades divertidas, para passar o tempo e manter as crianças longe das drogas.

6.2 CATEGORIA B – EDUCAÇÃO FÍSICA RECONHECENDO AÇÕES PEDAGÓGICAS IMPORTANTES NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES.

A resiliência parte da capacidade de responder de forma mais sólida os desafios e dificuldade que encontramos na vida (TAVARES , 2001). As pessoas são peças fundamentais para que um espírito de resiliência incorpore no CRAS. São fundamentais seus comportamentos, mostrando sempre habilidades e competência. ROSA (2009).

Perguntado aos facilitadores sobre o conhecimento do termo⁹ resiliência, dos seis (6) educadores que responderam o questionário apenas um (1) conhecia o termo. Obteve-se a seguinte resposta;

“Sim, capacidade de lidar com conflitos” (Facilitador F).

No entanto, foi possível notar que muitos dos facilitadores em sua prática exercem a resiliência sem saber sua concepção.

Quando questionados¹⁰ sobre suas atitudes perante uma situação de agressividade ou rebeldia por parte das crianças ou adolescente e sobre a importância¹¹ de conhecer eles fora do ambiente do CRAS, destacaram-se as seguintes respostas:

⁸ Ver resposta Quadro 2 e 4, questão nº 4 e 3.

⁹ Ver resposta Quadro 1, questão nº 7.

¹⁰ Ver resposta Quadro 1, questão nº 18.

¹¹ Ver resposta Quadro 1, questão nº 9.

“Conversaria separadamente com este, para ver se esta acontecendo algo” (Facilitador C).

“O dialogo em particular pode ser uma alternativa eficaz, nunca expor a uma situação que traga malefício ao grupo ou ao participante” (Facilitador F).

“Sim, pois é uma forma melhor de compreender seus problemas e dificuldades e assim poder ajudá-los” (Facilitador A).

“Sim, quanto mais conhecer a rotina das crianças e adolescentes, suas relações familiares e sociais, a organização de suas famílias, mais vou entender suas atitudes e mais subsídios eu tenho para desenvolver atividades e mediar situações” (Facilitador E).

Os facilitadores sabem da importância de conhecer a família¹², afim de, compreender melhor a realidade das crianças e adolescentes. O contato com a família se torna importante para criar vínculos e conhecer a sua história. Porém, não é praticado esse contato como mostram as respostas abaixo:

“Não, porque não moro perto, e não temos um contato maior” (Facilitador D).

“Possuo algum contato, que se da quando os pais vem ate o CRAS para saber dos filhos ou quando nos os chamamos ou vamos até eles para tratar de alguma situação” (Facilitador E).

“Muito pouco, geralmente em reuniões com os pais” (Facilitador F).

Uma prática pedagógica resiliente é calçada numa perspectiva de reflexão, cooperação, mediação, auto-estima, ensino promovedor de criticidade, habilidade, autonomia, inclusão e principalmente promover a cidadania.

Quando os facilitadores foram questionados sobre sua concepção pedagógica¹³, dois (2) disseram não ter uma concepção clara e os outros citaram algumas características: construtivismo, crítico-superadora e crítico-emancipatória.

¹² Ver resposta Quadro 1, questão nº 10.

¹³ Ver resposta Quadro 1, questão nº 6.

O construtivismo define-se como um processo de troca mútua entre o meio e o indivíduo, onde o aluno não é apenas alguém que aprende, mas sim o que vivência os dois processos.

Na concepção crítico-superadora, segundo Bracht (1999), há uma preocupação maior com o conteúdo, enfatizando os processos desenvolvidos historicamente e a construção de um conhecimento politizado, a fim de, formar cidadãos capazes de interferir na realidade.

Assim, considera-se que as tendências progressistas engloba mais características perante resiliência, pois é um processo que liberta o jovem de condições que limitam o uso da razão crítica e com isso todo o seu agir social, cultural e esportivo.

Segundo Rosa (2009), um facilitador resiliente tem que, acima de tudo, oferecer afeto e apoio as crianças e aos adolescentes, além de, enriquecer vínculos sociais, ensinar habilidades para a vida, firmar limites claros, estabelecer expectativas elevadas e oferecer oportunidade de participação.

Na pesquisa procurou-se saber quais os objetivos¹⁴ propostos nas atividades realizadas com para as crianças e com os adolescentes. Algumas respostas tiveram destaque:

“O maior objetivo é a integração, socialização e cooperação” (Facilitador A).

“O objetivo maior em qualquer atividade e a cooperação e a inclusão social” (Facilitador B).

“Os principais são: proporcionar novas vivências, possibilitar integração, socialização e co-educação” (Facilitador C).

“Fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, convivência familiar e comunitária, melhor relacionamento com o colega, desenvolver autonomia, cidadania, respeito ao outro e as regras” (Facilitador E).

¹⁴ Ver resposta Quadro 1, questão nº 12.

As respostas dos facilitadores identificaram que os mesmos buscam desenvolver habilidades para melhorar o convívio perante as situações de adversidade, procurando focar no trabalho em grupo por meio da cooperação e socialização.

Um convívio em harmonia, com respeito, afeto e apoio é muito importante para que um trabalho seja eficaz, entretanto, observou-se que o relacionamento¹⁵ entre facilitador x crianças e crianças x facilitador não condiz com a forma adotada pela resiliência. Sobre essa questão, destacaram-se algumas respostas:

“Muito boa, nos brincamos e divertimos” (Criança A).

“Muito mal” (Criança B).

“Não é tão boa assim” (Criança C).

“Com alguns e legal, mais com outros e horrível parece que não gostam da gente” (Criança G).

“Como a inflação, um dia esta tudo ótimo e em determinado momento em baixa sem nenhum interesse por ambas as partes” (Facilitador B).

“Penso que em alguns momentos sou autoritária. Procuro me envolver com as crianças e adolescentes, mas ainda preciso desenvolver mais afeto, paciência. Procuro ouvir suas opiniões e respeitá-las” (Facilitador E).

Percebeu-se que algumas crianças não estão felizes com o relacionamento que possuem com aos facilitadores, pôde-se notar que, alguns facilitadores ainda estão se encontrando no ambiente onde atuam. Mesmo assim, é importante que estes profissionais entendam que as crianças puderam ter seus direitos violados, o que conseqüentemente ocasionou alteração comportamental.

Ainda sobre a mesma questão, destacaram-se as seguintes respostas dos pais/responsáveis:

¹⁵ Ver resposta Quadro 1 e 3, questão nº 8 e 7.

“Não sei, mas deve ser boa sim porque meus filhos não reclamam, eles gostam de ir para o CRAS” (Pais ou Responsáveis C).

“Pelo menos eles nunca reclamaram de nenhum, então é uma relação boa” (Pais ou Responsáveis E).

Ficou evidente que os pais não têm nenhuma reclamação¹⁶ quanto o relacionamento dos facilitadores com seus filhos.

6.3 CATEGORIA C – A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA INCLUSÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO

A Educação Física contribui para o desenvolvimento integral da criança e do adolescente por ser uma disciplina onde a ludicidade, a liberdade e a individualidade se expressam. Aspectos motores, afetivos, cognitivos e sociais são desenvolvidos na educação física.

Questionados os facilitadores sobre a participação¹⁷ das crianças e adolescentes na oficina de esporte, destacaram-se as seguintes respostas:

“Sim, são suas preferência” (Facilitadores A).

“Sim, elas participam por causa das atividades diferenciadas e recreativas” (Facilitadores C).

E quando fora questionado se a oficina de esporte contribui¹⁸ para o desenvolvimento das crianças os pais responderam que:

“Sim, porque ele se desenvolve na parte física e mental” (Pais ou Responsáveis D).

“Sim, porque eles aprendem a ter limites e regras” (Pais ou Responsáveis E).

¹⁶ Ver resposta Quadro 2, questão nº 10.

¹⁷ Ver resposta Quadro 1, questão nº 13.

¹⁸ Ver resposta Quadro 2, questão nº 6.

Para as crianças¹⁹ a oficina de esporte tem a finalidade de divertimento, aprendizagem de brincadeiras e jogos. Para os adolescentes²⁰ estimula o respeito ao próximo, enriquece vínculos sociais e proporciona novas oportunidades. Quando perguntado sobre tais finalidades, as crianças e os adolescentes responderam que:

“Exercício físico e movimento, por que faz bem para o corpo” (Criança B).

“Educação, porque nos esportes aprendemos a respeitar e ouvir as outras pessoas” (adolescente A).

“Divertimento, agente se diverte com os colegas” (Criança C)

“Enriquecer vínculos sociais. É sempre legal conhecer alguém, e o esporte nos ajuda a aproximar, e fazer novas amizades” (Adolescente D).

“Divertimento, porque eu aprendo novas brincadeiras e jogos” (Criança I).

“Oferecer oportunidade de participação significativa. Eu penso que quando eu precisei todos os facilitadores estavam ali me ajudando” (Adolescentes G).

Diante das respostas pôde-se observar que os objetivos que buscam flexibilidade, habilidades esportivas e condicionamento físico não se fazem presente no contexto da oficina de esporte no CRAS. Contudo, os aspectos que valorizam a autonomia e que buscam um fortalecimento de vínculos entre os participantes e comunitários estão presentes no dia a dia.

Também é pertinente destacar a relevância das relações de afetividade no ambiente do CRAS. Na Resiliência, o afeto aparece com destaque. No contexto do CRAS, o facilitador e os demais membros da comunidade precisam atentar-se para o fato de que estabelecer vínculos afetivos favorecendo a integração e o interesse das crianças é um fator importante para o conhecimento segundo Rosa (2009).

¹⁹ Ver resposta Quadro 3, questão nº 6.

²⁰ Ver resposta Quadro 4, questão nº 6.

Para os oitos (8) pais/responsáveis que responderam o questionário a finalidade²¹ da oficina de esporte para seus filhos se dividem em exercício físico e movimento, aprendizagem desportiva, divertimento e socialização.

Questionados os facilitadores sobre quais as atividades que contribuem para a inclusão social são oferecidas²² no CRAS, obtiveram-se as seguintes respostas:

“Todas depende de como o facilitador expõem as atividades” (Facilitador A).

“Vivencias nova que possibilitem uma visão diferenciada, como novos esportes e atividade cooperativa, como ultimate frisbee e jogos em que ninguém e excluído” (Facilitador C).

“Jogos cooperativos, futebol, atividades intergeracionais, jogos de mesa, peteca, handebol” (Facilitador E).

As respostas dos facilitadores identificaram que se os mediadores expõem a atividade de forma que não exclua a criança e de modo que proporcione oportunidades para que todos participem da mesma forma, estarão instigando a inclusão.

Quando foi questionado aos adolescentes sobre a oficina de sua preferência²³, cinco (5) descreveram a oficina de informática, quatro (4) não tem preferência e um (1) adolescente se identifica com a oficina de esporte. No entanto, dez (10) crianças responderam que sua oficina preferida²⁴ é a de esporte. Destacaram-se as seguintes respostas:

“Informática, por que a gente aprende muita coisa importante” (Adolescente A).

“Informática, pois ficamos todos juntos (Adolescente B).

²¹ Ver resposta Quadro 2, questão nº 7.

²² Ver resposta Quadro 1, questão nº 11.

²³ Ver resposta Quadro 4, questão nº 4.

*“Oficina de esporte, porque é bom para o nosso desenvolvimento”
(Criança C).*

“De esporte, porque posso ensinar as pessoas que não sabem e posso jogar vôlei” (Criança E).

“Oficina de esporte, porque é legal” (Criança H).

Sabe-se que ambos procuram realizar a atividade que lhes fazem bem. As crianças preferem o esporte, pois é fonte de alegria e prazer, já os adolescentes optam pela oficina de informática em função das redes sociais e das inúmeras situações que a internet oferece e principalmente por não terem esse tipo de acesso em suas casas.

Quando questionados, tanto as crianças quanto os adolescentes, sobre a participação na oficina de esporte²⁵, destacou-se que a maioria escolheu a opção que apontava a participação em grupo, onde um ajuda o outro, e também, que se sentem capazes de enfrentar novos desafios. Um menor número ficou com a opção que ressalta a compreensão e respeito das regras da oficina.

A partir da Roda da Resiliência os autores Henderson e Milstein (2004), apresentam o perfil de um aluno resiliente, como um aluno que proporciona oportunidade de participação significativa, ou seja, crê que vai ser ouvido em suas colocações, conhece seus limites com clareza, demonstra confiança em si e nos outros.

Para que isso aconteça, segundo Antunes (2003 apud ROSA 2009, p. 19), o CRAS deve esquecer a concepção pedagógica tradicional: da memorização e repetição; exaltando apenas a qualidade da aprendizagem, oportunizando as crianças e adolescentes a pensar, a dizer e a apreender.

A Inclusão Social visa oferecer a todos oportunidade de participação e interação social dentro de um sistema que beneficie não apenas algumas pessoas e sim toda a sociedade.

²⁴ Ver resposta Quadro 3, questão nº 4.

²⁵ Ver resposta Quadro 3 e 4, questão nº 5.

Partindo desse pressuposto, as atividades oferecidas para as crianças e adolescentes devem estar relacionadas diretamente com uma abordagem de cooperação, socialização e integração. Questionados os facilitadores sobre as atividades²⁶ citadas acima, destacaram-se as seguintes respostas:

“Atividades que todos consigam realizar e principalmente que não excluam ninguém, como jogos cooperativos” (Facilitador C).

“Jogos cooperativos, brincadeiras de recreação, jogos coletivos, passeios culturais e de integração” (Facilitador E).

Através do jogo, a criança aprende, internaliza novos comportamentos, verbaliza, entra em comunicação com os demais e, conseqüentemente se desenvolve.

“Esporte” (Facilitador A).

“Na minha opinião é o futebol” (Facilitador B).

Contudo vale ressaltar que quando o jogo tem um caráter competitivo, onde alguém ganha e alguém perde, ele poderá trazer satisfação e prazer apenas para quem ganhou.

²⁶ Ver resposta Quadro 1, questão nº 17.

CONCLUSÃO

Ao realizar esta pesquisa foi possível analisar se a Educação Física tem subsídios para a inclusão social no CRAS.

A pesquisa demonstrou que para incluir as pessoas, ou seja, dar oportunidades iguais nas atividades de Educação Física e conseqüentemente na sociedade é preciso conhecer e estabelecer ações pedagógicas que estimulem a inclusão social.

Por meio das respostas dos questionários percebeu-se que o perfil dos facilitadores, crianças e adolescentes se enquadra em partes no perfil resiliente, onde os objetivos são a integração, cooperação, que proporcionando novas vivências, desenvolvendo autonomia e respeito, além de, fortalecer os vínculos familiares e que as finalidades da Educação Física trabalhando com as crianças e adolescentes tem um caráter social diante das brincadeiras e atividades.

Identificou-se que a maioria dos facilitadores não sabem definir o significado resiliência. Entretanto, algumas ações pedagógicas dos mesmos estão interligadas com a resiliência, subsidiando a inclusão social na comunidade.

Em conformidade com o objetivo, o presente estudo procurou verificar as contribuições da Educação Física no processo de integração, socialização e cooperação das crianças e adolescentes.

Diante das respostas obtidas pode-se afirmar que, por ser uma oficina muito prazerosa para as crianças e adolescentes, a educação física por meio de uma prática resiliente podem influenciar no processo de integração, autonomia e contribuir no fortalecimento de vínculos, fatores que estimulam o desenvolvimento afetivo por meio da cooperação.

No CRAS os facilitadores buscam relacionar suas atividades com abordagens de cooperação, socialização e integração, auxiliando as crianças e adolescentes no processo de inclusão social.

Verificou-se que aspectos como: oferecer oportunidades significativas, enriquecer vínculos sociais, fixar limites claros e oferecer afeto e apoio são características que estão presentes no dia a dia do CRAS.

Conforme os autores que subsidiaram a produção do referencial teórico, a interação dos facilitadores com as crianças e adolescentes é muito significativa para que ele sinta que tem um relacionamento afetivo e protetor no CRAS.

Entretanto, nota-se que, diante das respostas das crianças não há pôr parte de alguns facilitadores um convívio em harmonia, com respeito, afeto e apoio, fatores essenciais na resiliência.

Identificou-se que as atividades realizadas com as crianças e adolescentes favorecem a inclusão social, no entanto, para alguns facilitadores, o futebol e o vôlei trazem satisfação e prazer apenas para os vencedores.

Um relato que chamou atenção foi do facilitador “C” que escreveu a importância de inserir atividades que todos consigam realizar e principalmente que não exclua ninguém, como por exemplo: jogos cooperativos, brincadeiras de recreação, passeios culturais e de integração são atividades que estimula a inclusão social.

Concluiu-se com a realização da pesquisa que os facilitadores são profissionais com perfil resiliente, entretanto, deixam a desejar em alguns aspectos como: o relacionamento com as crianças e integração com os pais.

Conhecer o contexto social da comunidade não basta, a coordenação e os profissionais devem dialogar sobre quais os direitos violados levaram as crianças a estar no CRAS. Reconhecendo as dificuldades de cada criança e adolescente os facilitadores irão compreender o comportamento dos mesmos e se relacionarão melhor.

Diante do conhecimento obtido entendeu-se que a vida pode proporcionar adversidades, porém, todos podem “dar a volta por cima”. E, no CRAS ações pedagógicas resilientes transformam as crianças e os adolescentes em cidadãos críticos com novas expectativas da vida.

Este trabalho é de suma importância, pois expandi a visão de ações pedagógicas, que até então, estavam apenas nas escolas.

Também possibilitou conhecer um tema desconhecido, que ajudou a compreender muitos aspectos acerca do processo de ensino-aprendizagem, bem como, a aprimorar habilidades para a atividade como facilitador.

Estima-se que este estudo contribuirá para debates educacionais problematizando questões da prática pedagógica dos facilitadores em relação à resiliência.

Por fim, este estudo não põe fim às ações de inclusão social, pois há muito para ser pesquisado e aprimorado.

REFERÊNCIAS

- APOLO, Alexandre. **A Criança e o Adolescente no Esporte: como deveria ser.** São Paulo: Phorte, 2007.
- APPOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia da Ciência: filosofia e prática.** São Paulo: ASSIS, Simone Gonçalves et al. **Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes.** Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BARBIRATO, Maria Aparecida. **Projeto Ação Proteção.** Disponível em <<http://www.promenino.org.br>> Acesso em 03 de setembro de 2011.
- BARROS, Jussara. **Inclusão Social.** Disponível em: ><http://www.brasilecola.com.br>>. Acesso em 17 de setembro de 2011.
- BRACHT, V. **A Constituição das Teorias Pedagógicas da Educação Física.** Caderno Cedes, ano XIX, nº. 48, agosto 1999.
- _____, Valter. **Educação Física e Aprendizagem Social.** 3. ed. Porto Alegre: Magister, 2005.
- BRASIL, (LEINº 8.069, de junho de 1990). **Estatuto da Criança e do Adolescente.**
- BRAZELTON, T. Berry; GREENSPAN, Stanley I. **As necessidades essenciais das crianças.** Traduzido por Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- COLETIVO DE AUTORES, **Metodologia do Ensino de Educação Física.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- CRAS - **Centro de Referência de Assistência Social.** Disponível em: ><http://www.criciuma.sc.gov.br>>. Acesso em 8 de maio de 2011.
- GALIMARD, Pierre. **A Criança de 11 a 15 anos: transformações conflitos e descobertas da adolescência.** São Paulo: Paulina, 1983.
- HENDERSON, Nan. MILSTEIN, Mike. **Resiliência na Escola.** Buenos Aires: Paidós, 2004.
- HOCH, Carlos Lothar. ROCCA, Susana. **Sufrimento, resiliência e fé: Implicações para as relações de cuidado.** São Leopoldo: Sinodal, 2007.p. 224.
- KEMETEUK FILHO, Osmar. **Pesquisa e Análise Estatística.** Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 2005.
- KUNZ, Elenor. **Transformação Didático-pedagógica do Esporte.** 4.ed. Ijuí: Unijuí, 2006.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1992.
- MARTINS, Rosilda Baron. **Metodologia Científica: como tornar mais agradável a elaboração de trabalhos acadêmicos.** Curitiba: Juruá, 2008.

MDS. **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais**. Diário oficial da união, 2009.

PIGATTO, Lisete Maria Massulini. **A investigação da Prática Pedagógica com o Projeto Recreação e Cidadania na Escola Municipal de Ensino Fundamental Edy Maya Bertoia e o perfil do professor**. Disponível em ><http://www.monografias.com>> Acesso em 18 de outubro de 2011.

Pioneira Thomson Learning, 2006

ROSA, Juciane Pereira Rodrigues Da. **As relações Entre uma Prática Pedagógica Resiliente e a Aprendizagem Escolar**. Criciúma, 2009.

ROSE Jr, Dante De. **Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica**. 33.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

SANTA CATARINA. **Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. Proposta Curricular de Santa Catarina: estudos temáticos**. Florianópolis: IOESC, 2005.

SILVA, João Bosco Da. **Educação Física, esporte, lazer: aprender a aprender fazendo**. Londrina: lido, 1995.

TAVARES, José. A resiliência na sociedade emergente. In: **Resiliencia e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.p. 44-75.

TOLEDO, Luiz Eduardo. **Resiliência e Processo Educacional**. 2008. 52f Monografia (Especialização em Didática e Metodologia na Área do Ensino Superior) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.

WERNECK, Claudia. **Você é gente?** Rio de Janeiro: Wva, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Quadro 1- apresentação dos dados coletados na pesquisa com os facilitadores

1. Idade?		
A- Entre 46 a 60 anos	C- Entre 18 a 25 anos	E- Entre 26 a 35 anos
B- Entre 26 a 35 anos	D- Entre 18 a 25 anos	F- Entre 26 a 35 anos
2. Sexo?		
A- Feminino B- Feminino C- Feminino D- Masculino E- Feminino F- Masculino		
3. Qual seu nível de instrução?		
A- Pedagogia – pós-graduação em Psicopedagogia B- Educação Física e Pedagogia C- Superior incompleto – Educação Física D- Educação Física E- Educação Física – pós-graduação em Gestão Social em Políticas Públicas F- Superior incompleto Psicologia		
4. Quanto tempo você trabalha nesta unidade?		
A- Mais de 2 anos.	C- De 1 a 2 anos	E- Mais de 2 anos
B- De 1 a 2 anos.	D- Menos de 1ano.	F- Menos de 1 ano
5. Qual seu tipo de contratação?		
A- C.L.T.	D- Estagiário da AFASC.	
B- C.L.T.	E- C.L.T.	
C- Bolsista de extensão.	F- Bolsista de extensão.	
6. Qual sua concepção pedagógica perante as atividades no CRAS?		
A- Um pouco de cada, pois no programa isso é muito importante para o desempenho das crianças e adolescentes. B- Um pouco de cada concepção, as vezes tecnicista, tradicional, militarista e progressista. C- Critico Superadora. D- Não respondeu. E- Critico Emancipatória. F- Construtivista.		
7. Você conhece o termo resiliência? Caso sim descreva seu conceito.		
A- Não .	C- Não	E- Não
B- Não.	D- Não	F- Sim, capacidade de lidar com conflitos.
8. Como você descreve sua relação com as crianças e adolescentes?		
A- Muito boa, temos uma relação aberta e uma afinidade espontânea. B- Como a inflação, um dia esta tudo ótimo e em determinado momento em baixa sem nenhum interesse por ambas as partes. C- Minha relação com os adolescentes é boa, eles me respeitam, colocam suas opiniões sobre o que é mediado. D- Boa, relação de colegas. E- Penso que em alguns momentos sou autoritária. Procuo me envolver com as crianças e adolescentes mas ainda preciso desenvolver mais afeto, paciência. Procuo ouvir suas opiniões e respeitá-las. F- Ótima.		
9. Você considera importante conhecer as crianças/adolescentes e seus familiares fora do ambiente do CRAS?		
A- Sim, pois é uma forma melhor de compreender seus problemas e dificuldades e assim poder ajudá-los. B- Depende da ocasião. C- Sim, pois a base te tudo é a família e conhecendo estas, podemos direcionar melhor o que é mediado. D- Sim, para ter um melhor entendimento das necessidades. E- Sim, quanto mais conhecer a rotina das crianças e adolescentes, suas relações familiares e sociais, a organização de suas famílias, mais vou entender suas atitudes e mais subsídios eu tenho para desenvolver atividades e mediar situações.		

F- É mais do que necessário, é uma parceria de sucesso.
10. Você possui contato com as famílias dos mesmos? Por quê?
<p>A- Não.</p> <p>B- Não.</p> <p>C- Não, pois não moro no mesmo bairro, e assim o contato fica difícil.</p> <p>D- Não, porque não moro perto, e não temos um contato maior.</p> <p>E- Posso algum contato, que se dá quando os pais vêm até o CRAS para saber dos filhos ou quando nos chamamos ou vamos até eles para tratar de alguma situação.</p> <p>F- Muito pouco, geralmente em reuniões com os pais.</p>
11. Na sua concepção qual a importância da atividade física para as crianças e adolescentes referentes a inclusão social?
<p>A- É uma forma de mostrar a eles que somos todos iguais, ninguém é perfeito e tem que ser trabalhado.</p> <p>B- No esporte é onde começa a inclusão social.</p> <p>C- Na minha concepção, pretendemos que os mesmos apreendam a conhecimento. Se eles conseguirem visualizar através do conhecimento, a realidade que estão inseridos, conseguirão ver a desigualdade social em que vivem e assim terão a oportunidade de mudar seu futuro.</p> <p>D- Diante do esporte podemos incluí-las na sociedade.</p> <p>E- A atividade Física facilita o contato, o trabalho em grupo e permite que os participantes percebam suas capacidades e superem as dificuldades.</p> <p>F- Apesar de saber da importância, se reconhece o despreparo para atender as necessidades específicas nesse caso.</p>
12. Quais são os objetivos propostos nas atividades realizadas com as crianças e adolescentes?
<p>A- O maior objetivo é a integração, socialização e cooperação.</p> <p>B- O objetivo maior em qualquer atividade é a cooperação e a inclusão social.</p> <p>C- Os principais são: proporcionar novas vivências, possibilitar integração, socialização e co-educação.</p> <p>D- Expandir universo cultural e socializar dentro do esporte.</p> <p>E- Fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, convivência familiar e comunitária, melhor relacionamento com o colega, desenvolver autonomia, cidadania, respeito ao outro e as regras.</p> <p>F- Promover a valorização de diferenças individuais e aprender conviver com a diversidade humana. Igualdade em todos os aspectos.</p>
13. As crianças e adolescentes participam com frequência da oficina de esporte?
<p>A- Sim, são suas preferências.</p> <p>B- Sim, pois há um rodízio entre as oficinas fazendo com que todas participem.</p> <p>C- Sim, elas participam por causa das atividades diferenciadas e recreativas.</p> <p>D- Sim, as brincadeiras populares.</p> <p>E- Sim, há um rodízio de oficinas onde todas as crianças e adolescentes passam por todas as oficinas.</p> <p>F- Não tenho conhecimento.</p>
14. Quais atividades que contribuem para a inclusão social que são oferecidas na oficina de esporte?
<p>A- Todas, depende de como o facilitador expõe as atividades.</p> <p>B- Não respondeu.</p> <p>C- Vivências novas que possibilite uma visão diferenciada, como novos esportes e atividade cooperativa, como <i>ultimate frisbee</i> e jogos em que ninguém é excluído.</p> <p>D- Brincadeiras populares, futebol, vôlei etc.</p> <p>E- Jogos cooperativos, futebol, atividades intergeracionais, jogos de mesa, peteca, handebol</p> <p>F- No PROJÓVEM estamos apenas com as oficinas de informática e cidadania.</p>

15. Em sua opinião no que se diferenciam as crianças e adolescentes que participa do CRAS com relação ÀS outras que não tem a mesma oportunidade?

- A- Não vejo nenhuma, pois não é o local que as diferenciam e sim a educação e respeito vindo de casa
- B- Nenhuma.
- C- Elas tem a chance de visualizar um mundo mais amplo do que a maioria das outras.
- D- Nenhuma, mesmo uma tendo menos oportunidade são crianças que ainda tem muito talento, não tendo oportunidade de expor, como as outras.
- E- As crianças não se diferenciam por fazer parte ou não de determinadas atividades, pois suas necessidades de desenvolvimento integral são as mesmas. Penso que as que participam do SCFV estão expostas a situações de vulnerabilidade, porém em menor grau do que aquelas que não participam.
- F- Acesso a cultura, esporte, lazer, palestras, viagens, passeios, alimentação balanceada e assistência social.

16. Qual é a maior dificuldade para se trabalhar com essas crianças e adolescentes? Estrutura física, falta de preparo / experiência, apoio, iniciativa da coordenação ou desinteresse das crianças e adolescentes.

- A- Desinteresse das crianças e adolescentes.
- B- Desinteresse das crianças e adolescentes.
- C- Estrutura física.
- D- Apoio.
- E- Apoio.
- F- Desinteresse das crianças e adolescentes.

17. Que tipo de atividade física proporciona as crianças e adolescentes um maior desenvolvimento na integração, socialização e cooperação?

- A- Esporte.
- B- Na minha opinião é o futebol.
- C- Atividades que todos consigam realizar e principalmente que não excluam ninguém, como jogos cooperativos.
- D- Jogos cooperativos, futebol, vôlei.
- E- Jogos cooperativos, brincadeiras de recreação, jogos coletivos, passeios culturais e de integração.
- F- Tênis de mesa, vôlei, futebol de campo e de areia proporcionam ao fortalecimento de vínculo.

18. Se no decorrer de sua atividade um participante manifesta uma situação de agressividade ou rebeldia. Que atitude você tomaria?

- A- O primeiro passo é o mais importante seria o dialogo e é isso que eu faço.
- B- Reflexão, porque aconteceu, o que levou a tal atitude
- C- Conversaria separadamente com este, para ver se esta acontecendo algo.
- D- Conversa, seguindo de reflexão junto a mim.
- E- As vezes paro a atividade e o grupo todo reflete, outras vezes as envolvidas somente refletem. As vezes peço ajuda para coordenação, psicóloga. Na maioria das situações trabalhe com as crianças a responsabilidade pelas suas atitudes e as consequencias que cada um terá que assumir.
- F- O dialogo em particular pode ser uma alternativa eficaz, nunca expor a uma situação que traga malefício ao grupo ou ao participante.

APÊNDICE B – Quadro 2 – apresentação dos dados coletados na pesquisa com os pais

1. Idade?			
A- Entre 26 a 35.	D- Entre 36 a 45	G- Entre 36 a 45	
B- Entre 46 a 60.	E- Entre 36 a 45	H- Entre 26 a 35	
C- Entre 46 a 60.	F- Entre 36 a 45		
2. Qual o seu grau parentesco?			
A- Mãe.	D- Mãe	G- Mãe	
B- Avó.	E- Mãe	H- Mãe	
C- Pai.	F- Mãe		
3. Qual seu nível de instrução?			
A- Ensino médio incompleto.			
B- Ensino Fundamental Series iniciais.			
C- Ensino Fundamental Series iniciais.			
D- Ensino Fundamental Series iniciais.			
E- Ensino Fundamental Series finais.			
F- Ensino Fundamental Series iniciais.			
G- Ensino Fundamental Series iniciais.			
H- Ensino Fundamental Series iniciais.			
4. Você considera importantes as atividades oferecidas pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos e PROJOVEM? Por quê?			
A- Sim, porque eles aprendem.			
B- Sim, pois dá novas oportunidades para meus netos.			
C- Sim, meus filhos não estão na rua usando drogas e fazendo vandalismo.			
D- Sim, porque aumenta o aprendizado e o integra mais com a comunidade.			
E- Sim, porque os jovens se ocupam com alguma coisa saudável e não ficam na rua aprendendo o que não presta.			
F- Sim, porque não ficam nas ruas.			
G- Sim, porque não ficam nas ruas.			
H- Sim, porque eles aprendem e fazem novas amizades.			
5. Você conhece as oficinas que são oferecidas aos seus filhos?			
A- Sim.	C- Sim	E- Sim	G- Sim
B- Não.	D- Sim	F- Sim	H- Não
6. Você acha que as atividades oferecidas na oficina de esporte contribuem para o desenvolvimento dos seus filhos? Por quê?			
A- Sim.			
B- Sim, pois elas se interessam e participam de todas.			
C- Sim, porque é muito importante o esporte nessa idade.			
D- Sim, porque ele se desenvolve na parte física e mental.			
E- Sim, porque eles aprendem a ter limites e regras.			
F- Sim, para o desenvolvimento.			
G- Sim, para o desenvolvimento.			
H- Sim.			
7. Em quais finalidades você percebe que a oficina de esporte atende ao seu filho? Aprendizagem desportiva, desenvolvimento intelectual, divertimento, educação, socialização, exercícios físicos e movimento ou criatividade.			
A- Exercícios físicos e movimento.		E- Educação	
B- Educação.		F- Exercícios físicos e movimento.	
C- Aprendizagem desportiva.		G- Divertimento.	
D- Socialização.		H- Divertimento.	

8. Na sua opinião no que se diferencia as crianças e adolescentes que participam do CRAS com relação das outras que não tem a mesma oportunidade?

- A- Eles não ficam nas ruas.
- B- As crianças que participam são mais educadas e tem mais respeito pelos idosos.
- C- As crianças que não participam do CRAS ficam na rua apenas vão para a escola, porque são obrigadas e as que participam não.
- D- A diferença é que eles estão aprendendo alguma atividade e não estão nas ruas.
- E- As que participam ficam protegidas dos riscos que a rua oferece.
- F- Uma tem mais oportunidade do que a outra que não vai ao CRAS.
- G- Segurança, saber que enquanto estão no CRAS não estão nas ruas.
- H- Porque eles ficam no CRAS e não ficam na rua.

9. Como é sua relação com os facilitadores e a coordenação do CRAS?

- A- Boa.
- B- Não conheço as facilitadoras.
- C- Muito boa, não consumo ir muito ao CRAS, mais nossa relação e bem agradável.
- D- A minha relação é ótima, pois sempre fui bem recebida.
- E- Boa.
- F- Boa.
- G- Ótima.
- H- Não respondeu.

10. Como é a relação entre seus filhos e facilitadores?

- A- Boa.
- B- Eles se relacionam bem.
- C- Não sei, mas deve ser boa sim porque meus filhos não reclamam eles gostam de ir para o CRAS.
- D- Não tenho o que reclama, são ótimas pessoas.
- E- Pelo menos eles nunca reclamaram de nenhum, então é uma relação boa.
- F- Boa.
- G- Boa.
- H- Boa.

APÊNDICE C – Quadro 3 – apresentação dos dados coletados na pesquisa com as crianças

1. Idade? / sexo?/ escolaridade?	
A- 12 / masculino / 8º ano.	F- 12 / masculino / 8º ano.
B- 12 / feminino / 8ºano.	G- 12 / feminino / 8º ano.
C- 12 / masculino / 7º ano.	H- 12 / feminino / 7º ano.
D- 12 / masculino / 5ºano.	I- 11 / masculino / 6º ano.
E- 10 / feminino / 5ºano.	J- 10 / feminino / 5ºano.
2. Qual o bairro que você mora? Existem locais públicos adequados para a prática de esporte e lazer?(quadra esportiva, ginásio, praças, campo...)	
A- Vila Miguel – não. B- Vila Miguel – não. C- Vila Miguel – não. D- Rio Bonito – não. E- Vila Miguel – não. F- Rio Bonito – não. G- São José – sim. H- Vila Miguel – não. I- Vila Miguel – não. J- Rio Bonito – não.	
3. O que faz você vir para o CRAS?	
A- Por que meus pais trabalham. B- Por causa dos passeios. C- Por que gosto e me sinto bem com os colegas. D- As brincadeiras e os facilitadores que são legais. E- Porque é bom aprendo varias brincadeiras e também realizamos muitas atividades. F- As brincadeiras e esportes. G- Minha mãe trabalha. H- Os passeios e as atividades. I- As brincadeiras e as atividades. J- Porque é legal e eu gosto muito dos facilitadores e funcionários.	
4. Qual a oficina que você mais gosta e por quê?	
A- Oficina de Esporte, porque jogamos muitos jogos. B- Esporte, porque faz bem para mim. C- Oficina de esporte, porque e bom para o nosso desenvolvimento. D- Oficina de esporte. E- De esporte, porque posso ensinar as pessoas que não sabem e posso jogar vôlei. F- Esporte, porque é muito bom. G- Esporte. H- Oficina de esporte, porque é legal. I- Esporte, porque eu gosto de me mexer. J- Esporte, porque gosto dela e de jogar <i>pin-pong</i> .	

<p>5. Como é sua participação na oficina de esporte? Participa ajudando outros, se sente capaz para enfrentar novos desafios, motiva a si mesmo e aos outros para fazerem o melhor, compreende e respeita as regras da oficina ou outros</p>
<p>A- Não respondeu B- Se sinto capaz de enfrentar novos desafios C- Se sinto capaz de enfrentar novos desafios D- Participo ajudando os outros E- Compreender e respeitar as regras da oficina F- Se sinto capaz de enfrentar novos desafios G- Participa ajudando os outros H- Participa ajudando os outros I- Compreender e respeitar as regras da oficina J- Participa ajudando os outros</p>
<p>6. Em quais finalidades você percebe que a oficina de esporte pode atender? Por quê? Aprendizagem esportiva (futebol, vôlei.), desenvolvimento intelectual, divertimento, educação, socialização, exercícios físicos e movimento, criatividade ou saúde.</p>
<p>A- Exercício físico e movimento, por que faz bem para a saúde. B- Exercício físico e movimento, por que faz bem para o corpo. C- Divertimento, agente se diverte com os colegas. D- Aprendizagem esportiva, porque eu adoro jogar bola. E- Educação, porque aqui nos aprendemos muitas coisas, a educação e a melhor aprendizagem do CRAS. F- Divertimento, para eu aprender. G- Exercícios físicos e movimento, porque é legal. H- Divertimento. I- Divertimento, porque eu aprendo novas brincadeiras e jogos. J- Educação, porque é bom saber jogar e saber brincar para se divertir</p>
<p>7. Como é a sua relação com os facilitadores?</p>
<p>A- Muito boa, nos brincamos e divertimos. B- Muito mal. C- Não é tão boa assim. D- Legal. E- Muito boa. F- Normal. G- Com alguns e legal, mais com outros e horrível parece que não gostam da gente. H- Muito mal, porque a maioria são chatas. I- Muito boa, eles gostam muito de brincar comigo. J- Eu gosto de todos os facilitadores são demais.</p>

5. Como é sua participação na oficina de esporte? Participa ajudando outros, se sente capaz para enfrentar novos desafios, motiva a si mesmo e aos outros para fazerem o melhor, compreende e respeita as regras da oficina ou outros.

A- Compreender e respeitar as regras da oficina, **B-** Se sente capaz de enfrentar novos desafios, **C-** Participa ajudando os outros, **D-** Participo ajudando os outros, **E-** Motiva a si mesmo e aos outros a fazerem o melhor, **F-** Participa ajudando os outros, **G-** Motiva a si mesmo e aos outros a fazerem o melhor, **H-** Compreender e respeitar as regras da oficina, **I-** Participa ajudando os outros, **J-** Se sente capaz para enfrentar novos desafios.

6. Em quais finalidades você percebe que a oficina de esporte pode atender? Por quê? Aprendizagem esportiva, desenvolvimento intelectual, ensina habilidades para a vida, educação, enriquecer vínculos sociais (amizades), oferece afeto e apoio, oferecer oportunidade de participação significativa (é ouvido nas atividades, participa ajudando os outros ou saúde.

A- Educação, porque nos esportes aprendemos a respeitar e ouvir as outras pessoas.
 B- Aprendizagem desportiva.
 C- Ensina habilidades para a vida.
 D- Enriquecer vínculos sociais. É sempre legal conhecer alguém, e o esporte nos ajuda a aproximar, e fazer novas amizades.
 E- Aprendizagem esportiva.
 F- Saúde, porque faz bem.
 G- Oferecer oportunidade de participação significativa. Eu penso que quando eu precisei todos os facilitadores estavam ali me ajudando.
 H- Oferecer oportunidade de participação significativa.
 I- Saúde, por que faz bem.
 J- Enriquecer vínculos sociais, porque é nos faz sentir melhor e mais educados.

7. Em quais finalidades você percebe que o CRAS pode atender? Por quê? Compreende e respeita as regras do CRAS para uma compreensão perante a sociedade, percebe muitas maneiras de ser reconhecido e recompensado, motiva a si mesmo e aos outros a fazerem o melhor, capaz para enfrentar novos desafios, atividades divertidas, para passar o tempo e não ficar na rua ou outras.

A- Compreende e respeita as regras do CRAS para uma compreensão perante a sociedade. Porque através da regras do CRAS aprendemos a respeitar as regras de outros lugares.
 B- Percebe muitas maneiras de ser reconhecido e recompensado, pois todos ouvem nossas opiniões e se interessam.
 C- Capaz para enfrentar novos desafios.
 D- Atividades divertidas, para passar o tempo e não ficar na rua. Porque tira as crianças da rua ficando longe das drogas e do mau caminho.
 E- Capaz para enfrentar novos desafios.
 F- Atividades divertidas, para passar o tempo e não ficar na rua, porque tira as crianças das ruas.
 G- Motiva a si mesmo e aos outros a fazerem o melhor, porque tem sempre coisas novas para fazemos.
 H- Atividades divertidas, para passar o tempo e não ficar na rua, porque ajuda os adolescentes e crianças a não ficar nas ruas, drogas.
 I- Atividades divertidas, para passar o tempo e não ficar na rua. Porque penso que tira as crianças das ruas.
 J- Atividades divertidas, para passar o tempo e não ficar na rua, porque é uma ótima rotina, onde se divertimos e utilizamos nossas criatividadees.

ANEXOS



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO – UMA HCE

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CARTA DE APRESENTAÇÃO

A disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC faz parte da matriz curricular do Curso de **Educação Física** da UNESC, desde o ano de....., portanto é requisito para a conclusão do mesmo.

Neste sentido apresentamos o acadêmico **Marlon Delfino Gregório** da **8ª** fase, do curso e solicitamos sua autorização para realizar a pesquisa (coleta de dados) em sua instituição.

Informamos que é mantida a ética da pesquisa, resguardando o nome da instituição e dos participantes, para que sejam fidedignas as respostas, a pesquisa atinja seus objetivos e tenha validade científica.

Agradecemos pela sua atenção e contribuição com o desenvolvimento da ciência.

Atenciosamente,

Prof. Luís Afonso dos Santos

Coordenador(a) do TCC do Curso de Educação Física

Criciúma _____ de _____ de 2011.



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC

UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO – UNA HCE

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TEMA: EDUCAÇÃO FÍSICA COMO MEIO DE INCLUSÃO SOCIAL NO CRAS VILA MIGUEL NO MUNICÍPIO DE CRICIÚMA/SC

OBJETIVO: Verificar as contribuições da Educação Física no processo de integração, socialização e cooperação das crianças e adolescentes.

Por favor, leiam atentamente as instruções abaixo antes de decidir se deseja participar do estudo.

O projeto Tema: “**EDUCAÇÃO FÍSICA COMO MEIO DE INCLUSÃO SOCIAL NO CRAS VILA MIGUEL NO MUNICÍPIO DE CRICIÚMA/SC**” deseja investigar as contribuições da Educação Física no processo de integração, socialização e cooperação das crianças e adolescentes.

Justifica-se este projeto pela necessidade de novas evidências científicas para formação de professores.

1. Será realizada uma aplicação de questionários com os pesquisados, sendo os pesquisadores o orientador e o orientando.
2. Participarão do estudo apenas os voluntários selecionados que devolverem o termo de consentimento informado, autorizando a sua participação no estudo de forma voluntária.
3. Se houver alguma dúvida a respeito, favor contatar com a professora coordenadora da pesquisa professora **Elisa Fatima Strandioto**, pelo telefone (96088584) ou com o orientando pelo telefone (88319962) ou pelo endereço eletrônico **Marlon_gregorioed.f@hotmail.com**.
4. O participante terá liberdade de encerrar a sua participação a qualquer momento no projeto, ficando apenas com o compromisso de comunicar um o responsável pelo projeto de sua desistência, para que a pesquisa não seja prejudicada.
5. Caso concorde em participar desta pesquisa realizando as avaliações e o período de treinamento proposto pelo estudo, assine e entregue ao responsável este termo de consentimento. Este consentimento será arquivado juntamente com as demais avaliações.

Antecipadamente agradecemos a colaboração.

Prof.

Orientando.....

Coordenadora da pesquisa
pesquisa

Responsáveis pelo desenvolvimento da

Eu, _____ declaro-me ciente das informações sobre o estudo e concordo em participar como voluntário.

Assinatura do pesquisado(a).

Data: ____/____/2011.